This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

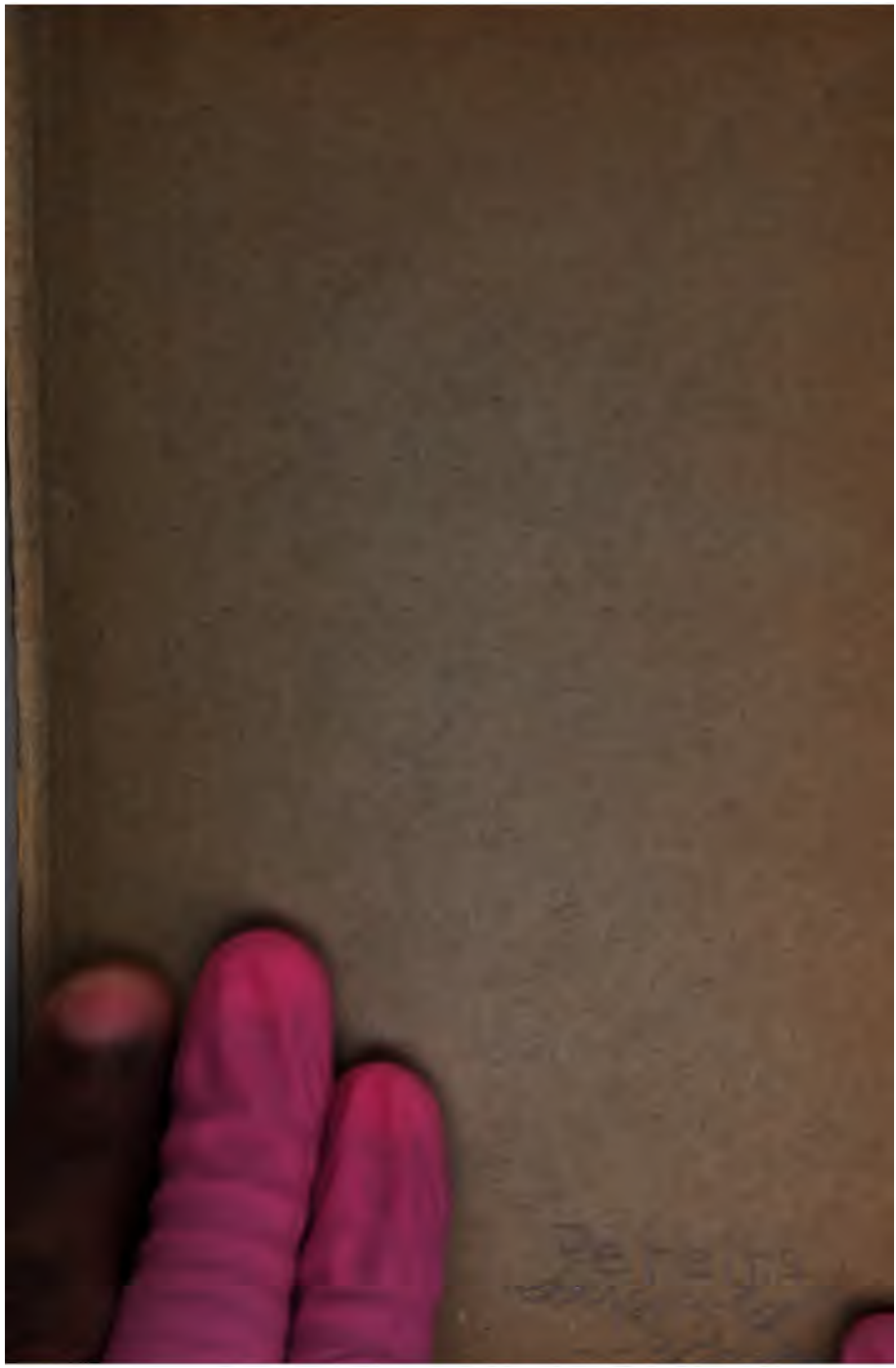
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437927 6



TEIXEIRA DE PASCOAES

As Sombras

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA
132—Rua do Ouro—138
1907

AS SOMBRAS

AS SOMBRAS

(Pereira.)

NQ

TEIXEIRA DE PASCOAES

As Sombras

PUBLIC

Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcellos

LIVRARIA FERREIRA
132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

1907

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
709319
ASTOR, LENOX, AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1915 L

De «As minhas sombras»

(Do «Sempre»)

O' sombras que durante
A noite me falaes,
Quando penso, e não sei
Porque a este mundo vim!
O' vós que a minha noite
Immensa povoaes,
Qual o corpo que vos
Projecta ao pé de mim?
.....
Quem sois vós, quem sois vós,
Vagas sombras perdidas
Que me livraes do sol,
Do meu grande inimigo?
Quem sois vós, quem sois vós,
Phantasmas d'outras vidas
Que me falaes, se eu ando
A' noite, só commigo?
.....
Sereis da minha dôr
Um pallido luar,
Um reflexo do que arde
Em mim, sem eu saber?
.....
Sois o infinito amor,
O puro olhar de Deus,
O' sombras que durante
A noite me appareceis!
Vós sois a Luz que existe
Além da luz dos céos,
E d'onde todas vós,
Estrellas, descendeis...

Coimbra — 1898.

A uma arvore e a minha irmã Maria

Recebe em tuas folhas, árvor triste,
Este livro de nevoa...
Ei-lo que sobe,
N'um fumo vago e pallido, onde existe
O segredo da Luz e da Penumbra.

Ei-lo que sobe em êrmos nevoeiros,
D'este meu coração, profundo rio
Que deslisa, somnambulo, entre outeiros
De materia que soffre e sonha e reza...
E se derrama, em fórmas espectraes,
Aéreas e ondulantes, nos teus ramos
Que se molham de dôr e abrazam d'ais
E de longe, parecem d'agoa e fogo.

E de gottas accêsas ficarás
Toda estrellada ao sol; e cada gotta

Contar-te-ha baixinho, em doce paz,
A sua origem limpida de nuvem,
O seu principio animico de sombra;
E o momento em que um sôpro, um ar de magoa,
Mal a beijou, logo a encarnou, tornando-a
De espirito de nevoa em corpo d'agoa.

E tu, que és um desejo com raizes,
Um sonho em flôr da terra com folhagens,
Ouvirás o que diz a estrella clara
No silencio falante das Paizagens.
E, n'um intimo encanto, has de sonhar,
Sentindo-te abrazada n'esse fogo
Que arde no orvalho, e o queima e faz voar
Em branca cinza que acinzenta os ares.

O' árvor, lê meu livro quando a noite,
Com seus dedos de sombra, vem abrir
Os teus olhos longinquos embebidos
Na luz que, dentro em ti, se vê luzir;
Invisivel espirito velado,
Intimo resplendor que tudo anima,
E que nos deixa o céo todo estrellado
E nosso olhar nevoento todo em lagrimas.

E verás que este livro é bem distante
Do coração dos homens, e bem perto
De tua negra sombra irradiante;
Mansa, inerte penumbra vegetal,
Descendente da sombra dos rochedos

E mãe da sombra vã que projectamos;
E onde estás mais presente e clara e viva
Do que em teu rude tronco e brandos ramos.

E verás que este livro é teu irmão
E da terra onde sugas fortaleza
E da nevoa onde mamas a verdura,
A indecisão e a pallida tristeza;
E do grande silencio que em teus labios,
E' uma nuvem de vozes e harmonia
E rumores confusos, — e da noite
Que em teus olhos de bruma, é luz do dia!

E tu és para uma árvor, minha irmã,
O que ella é para a terra...
És primitivo,
Rugoso, duro tronco que a ternura
Mudou em corpo esbelto e brando e vivo.

Em ti, são louras tranças verdes ramos;
E o que é na árvor neblina do sol-pôr
E murmurio do vento e doce orvalho,
Em ti, é sonho e lagrimas e dôr.

E vê-se bem que a verde côr das folhas,
Na côr dos olhos teus, se sublimou;

Vento do Espirito

Senti passar um vento mysterioso,
N'um torvelinho cosmico e profundo.
E me levou nos braços; e ancioso
Eu fui; e vi o Espirito do Mundo.

Todas as cousas érmãs que envolviam
O meu rosto n'um triste olhar nascente,
N'uma lagrima ainda, não sentiam
Aquelle vento forte que sómente

Meu coração crispava! O' vento ethereo,
Vento de Exaltação e Prophecia!
Vento que sopra em ondas de mysterio
E que só meu espirito arripia!

Vento estranho que passa, sem tocar
Na mais tenrinha flôr, e assim agita
Meu coração, em chammas, a exhalar
Luz de Deus, luz d'amor, luz infinita!

Vento que só encontras resistencia
No que é sombra invisivel; um rochedo,
Uma árvor para ti são vaga essencia
E eu é que sou, mysterio! um arvoredo!

E d'encontro á minh'alma, grande vento,
Bates com força; e um borborinho forte
A envolve e arrasta e leva, n'um momento:
E vae de vida em vida e morte em morte.

Vento que me levou nem sei por onde;
Mas sei que fui; e ao pé de mim, bem perto,
Vi, face a face, a nevoa a arder que esconde
Deus, sobre a areia ardente do deserto!

E tambem vi a luz indefinida
Que em meu peito se fez, enaltecendo
Meu coração que vôa além da vida,
O seu peso de lagrimas perdendo.

E aquelle grande vento perturbou
Minha vida serena; e dôr antiga
Meu corpo rude e fragil trespassou,
Como a chuva uns andrajos de mendiga.

E fui n'um grande vento; e fui; e vi:
Vi a Sombra da Vida. E alvoroçado,
Deitei-me áquella sombra, e em mim senti
A terra em flôr e o céo todo estrellado.

E vi a Luz e a Noite; a Paz e a Guerra.
E vi dar flôr e fructo a negra cruz.
Vi a terra no céo e o céo na terra
E o olhar de Pan nos olhos de Jesus.

E vi Jesus e Pan. E no horizonte,
O Calvario e o Parnaso: a vida e a dôr.
E todo em sangue, vi aquelle monte
E aquella verde serra toda em flôr.

E os rios da Tristeza e da Alegria,
Ao pé de mim, sonhavam... e um disperso,
Vago nevoeiro astral d'elles subia:
E fui; e vi o Espectro do Universo.

A Sombra do Passado

Horas em que o Passado, o Êrmo, o Solitario,
Visita a nossa alma em noite derradeira...
Como um phantasma, vem mais triste que um sudario,
E como Hamlet, traz nas mãos uma caveira.

(Do *Sempre.*)

Eis-me, graças á Vida, uma vez mais
No valle onde nasci, entre estas arvores,
Minhas puras irmãs espirituaes
Pela sombra que dão...
Arvores tristes
Que de ternura e sonho o luar veste...
Arvores brancas, ao luar, todas molhadas
De escura dôr terrena e amor celeste,
Quantas vezes, á noite, as surprehendo
De joelhos, rezando aos passarinhos
Que vôam além d'ellas e que são
Aladas divindades que as florestas
Vêm atravez de pallida emoção...

E vossa verde folha que no outomno,
Perde a côr, mais o sangue e desfallece,
Como se fôsse luz e o frio inverno
Bruma que a suffocasse e amortecesse...

Vossas folhagens verdes, ao luar,
Na inquietude da dôr religiosa,
Produzem um rumor, um marulhar
De fonte clara e virgem quando reza
N'um extase de nevoa...
O' creaturas,
Que á negra e funda terra estaes pregadas
Como a dôr ao meu corpo e a luz á treva
E aos meus olhos as lagrimas salgadas,
Quanto me custa vêr-vos prisioneiras,
A vós que tendes folhas que assemelham
Azas no céo confuso das poeiras
Que se erguem ante o espirito do Vento!

Ai, das arvores tristes! Que piedade
Tenho de vós, ó arvores! se sois feitas
Da minha escura e vã fragilidade,
Do mesmo barro túmido de lagrimas,
Da mesma dôr, miseria e negra morte;
Do mesmo pó e cinza que eu derramo
E que, um dia, uma estrella ao apagar-se,
Por acaso, deixou...
Como eu vos amo,
Minhas irmãs em Deus! se vos consomem
As dôres mais crueis e mais profundas,
E é certo que soffreis mais do que um homem!

E como Christo e a Virgem Dolorosa,
Soffreu a cruz, sentindo em si pregado
Aquelle Corpo enorme e redemptor,
Sem que ella, a pobre cruz, tivesse culpa!

E que esfôrço faria (ó negra dôr!)
Para fugir áquelle abraço horrendo,
A'quelle corpo em chagas que a abraçava
Quasi desfeito em lagrimas e sangue,
Sangue de vida e dôr que libertava!

Que esfôrço ella faria! mas debalde!
Cada vez mais os pregos se entranharam
Em seus lucidos membros vegetaes.
E d'esta fórma horrivel se ajuntaram
A seiva vegetal e o sangue humano...
E aquelles sangue e seiva desde então,
O nosso corpo mystico florescem.

Que esfôrço ella faria! esfôrço vão!
Para fugir ao mundo, á vida e assim
A'quelle estranho Drama nunca visto,
A' negra dôr humana que por fim,
Em seus braços pendeu a fronte morta.

Com que loucura invocaria o Fogo
Que, semelhante ás agoas, tudo alaga
E n'um beijo de brazas, crepitante,
A grande dôr das arvores apaga!

Ella, a negra e odiada! Ella, a innocente,
Que durante bem tempo sustentára,

Em seus braços de mãe, piedosamente,
Canticos de ave e lagrimas de nuvem!
E abria, como as Santas, o avental
A trasbordar de fructos e de flôres,
Aos tristes pobresinhos d'este val
De suspiros, de fomes e de sêdes.

E como Christo no terceiro dia,
O' árvor-cruz, revive e dá de novo
Riso de flôr e voz de ramaria
E sombras ao luar e á luz do sol.

Revive em alegria e dôr e amor!
Dá-nos em fructo aquelle Corpo martyr;
E em subido perfume e alta flôr,
Dá-nos aquelle Espirito perfeito.

Eleva-te da terra até aos céos,
N'uma benção de sombra e claridade,
Para que a terra, em fructo, alcance Deus
E baixe o céo, em flôr, até aos homens!

Sou como vós, ó arvores! E a sonhar,
Penetro e desço á Noite, a vêr se encontro
Algum veio de luz onde matar
Esta sêde infinita que me mata!
Tambem vós procuraes com as raizes,

Nas entranhas da terra, a agoa virgem...
E tanto se abre a terra aos vossos beijos,
Que ella vos mostra, ó arvores, sua origem;
A antiga sombra mãe que a fecundou
E se infiltra nos caules e ramagens...
E fluidica e triste d'elles cáe,
N'uma chuva espectral, sobre as paizagens.

Ai, tendes fome e sêdes! E assim eu
Tenho sêde de luz!

Vosso perfume,
Por mais leve e subtil, inunda o céo:
Assim meu coração que se dispersa
Em perfume d'amor; assim meus olhos
Se dilatam em lagrima aureoral,
Em lagrima que invade a Creação,
Como o antigo Diluvio universal!
De maneira que toda a Natureza
Reflecte no Infinito a minha dôr,
Minha alegria e pallida tristeza.
E Deus sabe, portanto, que eu existo;
Que tenho, em meu Parnaso, a minha cruz:
Eu — o homem e o poeta; a negra sombra
Feita de toda a sombra; a clara luz
Feita de toda a luz; — o corpo fragil
Onde é lagrima a agoa, o luar saudade
E todo o mundo é funebre agonia!
— Alma eterna onde são todas as almas
Exaltação, Visão e Prophecia!

Eis-me outra vez na terra onde nasci;
Tósca e sagrada terra primitiva,
Boa terra fecunda, que eu bem sinto
Formar meu corpo, minha carne viva!
Terra que vem cobrir como uma tunica,
Meus ossos que são feitos de saudades...
— E que no campo desabrocha em flôres
E no meu peito em fundas anciedades!

Terra viva e sensivel que á tardinha,
Como nós, entristece... e fica a ouvir
A voz da escuridão... mas ao tocar-lhe
Um soluço de fonte, é lyrio a abrir.

Terra divina que ao beber as lagrimas
Das nuvens e sentindo o sol em brasa,
E' aza que se eleva e coração
Que inda vôa mais alto do que a aza!

O' meu humus genesico e fecundo!
Minha terra d'Origem e Principio!
O' terra ébria de sombra! O' novo mundo,
Onde estranhos relampagos lampejam,
E alvorecem e morrem, n'um instante;
Mas já nos mostram, sim, por entre nuvens,
Um mundo de mysterio, ainda hesitante,
Ainda moldado em fumos e penumbras...
Vaga e fluidica terra assemelhando

O marmore invisivel, onde nós,
Soffrendo, meditando e trabalhando,
Esculpimos tristezas e anciedades...

E vejo minha fonte, tão sequinha,
Como uma flôr no outomno!

O' vento agreste
Que tua voz mirrou! Que magoa a tua?
Porque foi que secaste e assim perdeste
A alegria da agoa? Porque foi?

E quando o luar romantico, em segredo,
Te apertava nos braços... e fugia,
Do silencio da noite que faz medo,
Para o teu verde coração divino,
Logo em nuvem subias... e eras sonho...
E lagrima depois, e pequenino
Astro, onde o sol immenso se entranhava!

Mas chamava-te Deus! E bem se via
Que por um fiosinho d'agoa apenas
Estavas presa ao mundo!

O' companhia
Sagrada d'uma fonte, quão depressa
Te desfizeste, sim!

N'um dia triste,
As azas, para sempre, alevantaste!
E nunca mais te ouvi cantar ao sol,
A'quelle alegre sol que tanto amaste
E se embebia, em chammas, no teu seio!

E nunca mais te ouvi cantar na Treva,
Quando o silencio e as sombras mysteriosas
E a bruma, (mãe sublime que se eleva,
Amamentando os valles e os outeiros)
Davam um ar d'espirito profundo
A' tua voz que parecia erguer-se
Das entranhas da terra ou d'além-mundo!

E tuas agoas pallidas lembravam,
No livido silencio do luar,
O corpo d'uma Nympha que morrera
Como uma freira mystica, a rezar...

Com que ternura a tua voz, á noite,
Ao silencio se unia! Nem sequer,
De mansinho, o acordava d'aquelle extase,
E puro estado d'alma relígioso,
Somnambolico e vago...

Elle que treme
E desperta e abre os olhos, ancioso,
Ao mais brando murmurio... e que se afoga
Na onda mais baixinha e transparente

Do mais leve ruido... se te ouvia
Cantar, não despertava; e mais dormente,
Extatico e profundo se tornava!

E nunca mais te ouvi, querida fonte,
Ao quebrar da manhã, quando eram oiro
Tuas sagradas agoas, e o horizonte
Uma montanha d'oiro, e d'oiro as arvores...

E nunca mais te ouvi, quando a Penumbra,
No liquido horizonte da tua bocca
Fazia anoitecer aquella voz
Das agoas, que os espiritos evoca.

E nunca mais te ouvi! E tenho ainda
A sombra d'essa voz nos meus ouvidos!
E a penumbra d'essa agoa molha ainda
Meus labios, mais translucida e mais fresca
Do que era d'antes, sim, tua agoa pura;
Como se o tempo a nada reduzindo-te,
A cinza e o pó, te désse mais frescura,
Mais alma e corpo e voz e mais poder
De matar minha sêde insaciavel!

Phantasma! O' fonte-espirito, onde vae
A minha alma beber para cantar,
Sombra que nasce e corpo que se esvâe!
E bebe! E gosta, sim, de saciar-se
N'essa fonte invisivel mais chimerica

Do que a bruma da tarde a alevantar-se
Dos recantos escuros e scismaticos...
E, ébria, entontecida de crepusculo
E possessa do Espirito Sombrio,
Ei-la a cantar a Luz sombriamente,
E lembra branca nevoa em negro rio...

E vejo, por encanto, os que eu amei
E partiram da vida...
Ei-los que surgem
Da bruma onde, scismando, me afundei...
E falam-me dos longes macerados,
Da cerração da noite, onde se abrumam
Todas as fórmas mortas e desfeitas...
E aonde minhas lagrimas se esfumam
Em tenues, róxas nuvens de saudade...
E n'uma voz aos ventos tremulando,
Falam-me do Longinquo, onde murmura
A fonte do meu sêr que foi chorando
Até formar a onda que hoje sou.

Ainda te ouço latir, meu pobre Nilo;
A tua voz ainda commove e abala
Todo esse fundo abysmo do Passado!
E, livido perfume que se exhala,
Alcança meus ouvidos e os inunda
De terra e cinza e poeira de harmonia...
Cinza, poeira fertil e fecunda
Que levanta, ao andar, minha saudade!

Era já noite. E os ventos clamoravam...
E ladravas lá fóra. A quê? Mysterio;
A sombras invisiveis que passavam
E a vozes e ruidos que só tu
Eras capaz de ouvir!

O' cão lunatico!
O' Bruxo que latias ao luar
Que se infiltrava, pallido, em tua alma
E, dentro em ti, se punha a uivar, a uivar!...

E, n'um deslumbramento interior,
Tu latias... falavas aos espiritos
Que dançavam, na sombra, em derredor
De teus olhos abertos com espanto...
Espiritos que a Luz envolve em fórmas
Terrenas, materiaes; e a noite escura,
A noite sybillina, a noite magica
Os liberta e descarna e transfigura.

E falavam-te as fontes e as florestas,
Em espirito apenas, vago e ethereo...
E um confuso e phantastico murmurio
Te embriagava de sombra e de mysterio!
E ébrio d'almas, latias... e falavas...
(Erravam no ar Demonios, Borborinhos...)
E latias confusa e vagamente,
Como falam os Bruxos e Adivinhos...
E no silencio abriam teus latidos

Largas fendas de som que se fechava,m
Sepultando murmurios e ruidos
E rumores e vozes e sussurros...

Na minha clara edade (acaso d'ella
Te lembras?) eras velho... E hoje decerto,
Como a *Cabra Maltéa*, és uma estrella
E o gesto de tua cauda é luz astral...
E has de ladrar no céo e arremeter,
Em impetos de furia heroica e brava,
Contra o *Dragão* que ameaça furibundo,
Hercules manejando a enorme *Clava!*
E has de ladrar ao *Taurus* que, brilhando,
Pela campina etherea corre e salta
E muge e escarva o chão, alevantando
A poeira que fórma a *Via-Lactea!*

E tu, meu pobre amigo, que ás golfadas,
Déste teu sangue e suor á nossa quinta,
E tão cedo morreste! em magoadas,
Cinzentas noites de luar e nevoas,
Ha nocturnos viandantes que te vêm
Como tu fôste em vida pobresinha...
E arripiados d'um panico instinctivo,
Ainda te ouvem cavar na nossa vinha!
E um borborinho aligero perpassa
No céo confuso e pallido, turbando
A livida folhagem que esvoaça,
Erriçada nos troncos que parecem

Recolher-se de medo, ao seio escuro
Das sombras...
(E um terror os ares tolda...)
E as sombras os integram na materia
Onde a Luz, de repente, as funde e molda.

Phantasma feito d'ar! O' fórma aérea!
Como é que esses teus braços de penumbra
Podem suster a enxada que é materia
E fórma e pêso e lagrimas e dôr?
Teus braços de illusão e de apparencia,
Hão de vergar, ceder! Assim outr'ora,
Por pouco, Eneias afundou a barca
Que sulca o rio livido que chora...

Mas estás preso ao mundo! E quem me déra
Vêr o laço terrivel e fecundo
Que prende a Morte á Vida, e occultamente
Liga um phantasma á terra d'este mundo
E ao vento e á luz crepuscular, dorida...
E mais ainda, ainda! á luz da lua,
Unica luz que evoca e chama á Vida
Todas as sombras pallidas da Noite.

Luar! luar! que lembras o desmaio
Da Sybilla que fala vagamente,
Comendo terra, a uivar, a estrebuxar,
Na exaltação prophetica e vidente!
Mysteriosa luz evocadora...

Alva cinza d'espiritos e essencias;
Luz de condão que mal as almas toca,
Logo as veste de fórmas e apparencias...

O' sol do mundo ignoto dos espectros!
O' verde luz fluidica e marmorea,
Que dás relevo e côr e corpo a tudo
O que é vida invisivel e incorporea!
Luz de sonho e de encanto que enverdece
Toda essa terra espiritual de nuvem,
Que, na absorpção da noite, nos empece,
Embora, dentro em nós, seja criada...

O' mãos da Lua pallida, esboçando
N'um lacteo, aéreo gesto que deslumbra,
Perfis espirituaes, fórmas de sonho
Que perpassam nos longes de penumbra...

O' mãos da Lua que moldaes em sombra
Troncos de nevoa e animicos rochedos,
Assim como, de dia, as mãos do sol,
Moldam em agoa e terra os arvoredos!

Mãos de delirio, d'extase e desmaio!
Mãos d'agoa a evaporar-se, mãos d'espuma,
Esculpindo Creaturas e florestas
Em marmore somnambulo de bruma...
Todo um mundo remoto que aos meus olhos

Surge d'entre os redondos seios nûs
Da noite maternal, tão caridosa,
Que é treva para os astros serem luz!

E no profundo e pallido silencio
Da lua, que me faz entristecer,
Quanto mais eu medito e me concentro
No mais longinquo e escuro do meu sêr,
Mais corpo e vida toma meu espirito
Que nos sitios sombrios e desertos,
Ao meu encontro sáe... E se illumina
Em meus olhos extaticos e abertos...

E vejo minha Avó atarefada
Desde o córar do dia; e vejo-a, á noite,
Ante uma cruz de Christo ajoelhada,
Que é o mesmo que subir, em alma triste,
A'quelles braços hirtos que redimem...
Vejo-a no lar, á meza e no jardim;
Na antiga preguiceira a fiar na roca,
Com seus olhos de santa sobre mim.
E vejo-a em luz e amor, tal como outr'ora
A vi em corpo e fórma... E ainda hoje escuto
Sua voz; e ainda a vejo a trabalhar,
Com brancas mãos rugosas como um fructo
Já perfeito e maduro, ha muito tempo,
Para a meza sagrada do Senhor!
E com esse ar de graça e beatitude
Já fóra d'este mundo e d'este amor!

E vejo aquella aureola de bondade,
Luz feita de esperança e de êrma magoa,
Que alta e divinamente lhe envolvia
A fronte, toda em rugas, como a agoa...
Rástro ethéreo de luz que ella deixou,
Ao partir para sempre, em nossa casa!
Aza tombada e morta! Mas teu vôo
Anda em meu coração que é um outro ar...

O' velhinho perfil cheio de luz,
O' velhinho oriente onde assomava
Riso que mata a fome e véste os nús,
E se sente melhor do que se vê!

Ai, se eu pudesse traduzir em verso
Esse riso, essa luz, essa harmonia?
Ai, se eu pudesse condensar em agoa
Essa onda mysteriosa que affluia
Aos teus labios, e em riso se espalhava?

Se em extase de pedra o eternisasse?
E em corpo eterno e fórma incorruptivel,
Em sempiterna estatua elle ficasse?

O' ar divino! O' graça redemptora!
Luz que tudo doirava! O' ar de graça,
Cada vez mais perfeito e mais na aurora,
Conforme te afundavas no Crepusculo!

Vejo-te ainda, sim, de mãos em cruz
No peito, sobre as taboas do caixão!
E no teu rosto morto ainda pairava
Teu riso, luz de espirito e oração.
Riso sem lábios já! Beatitude,
Alegria liberta! Alto sorriso
Que, para vir ao mundo, atravessou
A distancia a que fica o Paraizo!

E um Anjo, para os outros invisivel,
Meditou, mesmo ao pé do teu cadaver,
N'uma expressão de magoa indefinivel,
Toda essa longa noite de soluços!

O' labios frios que eu beijei, chorando!
Frio que em mim ficou! Dentro de mim!
E um constante nevar vae sepultando
Meu coração quasi parado e extatico!

E vejo meu Avô que era a candura
De minha Avó, mudada em fortaleza.
Homem simples e forte que nasceu
Na mais simples e forte natureza
De serra austera e grave que se eleva
N'um impeto de terra e fragaredos!
Mas nos longos invernos, quando neva,
Parece concentrar-se em oração...

E ha rochas afundadas em alvuras...
Claras fontes em gêlo empedernidas,
Como as fontes das brancas esculpturas
Que deitam ondas pallidas de marmore.

Nasceu alli, ao pé das madrugadas,
Das estrellas, das nuvens e do vento...
E ao pé das grandes aguias chamuscadas
De chegarem tão proximo do Sol!
E d'aquelle ar translucido e purissimo
Que ha nas altas e claras regiões,
Onde descançam, bronzeas e pesadas,
Nuvens prenhes de fogo e de trovões...
E ao pé da urze rasteira, dura e sêca,
Tão áspera que deixa o céo dorido!
Tão hirta, aguda e negra que parece
Um ferro em haste vegetal fundido!
E vê-se que ao passar por ella, o vento
Rasga a tunica aérea! E a propria luz
Roçando-a, fica toda em sangue vivo:
Seu rosto, suas mãos, seus peitos nús!
E perto do Marão, da serra esphingica
De muda, triste e austéra face humana;
Com a cauda ondeante sobre o Minho
E as garras sobre a terra transmontana.

Ainda em meus olhos vive a tua imagem,
O' rosto que, no fim, se anuviou!
Onde vi, com tristeza, êrmo sol-pôsto
Fazer-se, até que a Noite se fechou!

Ai, das claras imagens amorosas
Que beijarem meus olhos! Ficam logo
Em estatuas de mármor convertidas,
Com entranhas de lagrimas e fogo!
Ai, do saudoso olhar que me deslumbra
E aos meus olhos baixou! Jamais, jamais,
Encontrará descanço de penumbra,
Doce paz e socego de crepusculo!...

Sangue de meus Avós! (O' Fonte, Origem!)
Tu transpareces, nitido, atravez
O sangue de meus Paes e o sangue virgem
Que o céo e a terra infiltram no meu corpo.

E vejo, sim, n'um lusco-fusco animico,
(Êrma nevoa espectral toldando o céo)
Os velhos castanheiros que tombaram
N'um estrondo que a terra estremeceu!
E o pó, d'aquelle abalo estremunhado,
Fugiu, voando! E assim as avesinhas,
Ante essa quéda horrivel que deixou
Em sobresalto as arvores visinhas!

O' antigos e mortos castanheiros,
Ainda vos vejo em fórma espiritual!
Souto de sombra e tristes nevoeiros,
Que surges ao luar, e rumorejas!...
Arvores incorporeas! O' phantasmas

De caules e de troncos e folhagem;
Êrmos espectros vegetaes que ainda
Vagamente povoaes minha Paizagem...
Troncos de nevoa, aos ventos, ondulando,
Que ainda dão fructo e flôr e reverdecem...
E penetram o chão, n'elle sugando
Agoas de sombra e seivas de crepusculo.
O' ramagens phantasticas, que um vento
De mysterio perturba! O' folhas mortas
Que voaes pelo escuro Firmamento
E sois almas da Noite e luzes tristes...

O' floresta espectral, confusa e densa!
O' floresta espectral que, á luz das trevas,
Nasces da nevoa irreal que se condensa
Em corpos de illusão e de penumbra...
N'essas fórmas phantasticas que tomam
As almas do Outro-Mundo, á luz funerea
Da lua branca e morta, quando sobem
A' superficie triste da Materia...

E, de noite, appareces-me, ó floresta,
Cheia de vozes... e um murmurio fundo
De tôrvo borborinho, rasga os ares,
Arripiando as arvores d'este mundo...
E appareces na nevoa... e ao luar nascente,
Rumorejas e ondulas... e qual aza,
Elevas-te no ar, confusamente...
E sombras de aves mortas esvoaçam...
E os teus ramos, que um triste luar alaga,

Alcançam as estrellas, onde bebem
Essa luz que de tão longinqua e vaga,
E' já uma luz morta d'além-mundo...

E appareces na nevoa... E a sombra magica
Que em derredor projectas, avassalla
Meu coração; o envolve, arrasta e leva...
E de tal fórma o impressiona e abala,
Que o funde no seu peito, — tão ardente
E tão de fogo vivo e creador
Esse contacto leve d'uma sombra!

Espectro do que fui, do meu amor!
O' phantasma do Nilo! O' sombras pallidas
Das arvores mortas já; de meu Irmão
E tudo o que eu amei, nunca deixeis
De povoar a minha Solidão!
Vaguiae, vaguiae, n'esta Penumbra,
Onde ao menos eu sinto, meus Avós,
Esta alegria immensa de me vêr
Quasi phantasma e sombra como vós!

Eis-me outra vez aqui, na minha terra
Que já me trouxe ao collo e me cantou,
Para eu adormecer, altas canções
Que nem o proprio tempo dissipou...
Eram vozes de luz e cantos d'ave,

Brandos murmurios d'agoa e de folhagem
E rumores longinquos que toldavam
De nevoeiros de som minha Paizagem...
Todo este céo chimerico, impalpavel,
Onde todas as fórmas vão gravar-se
Ou sejam de visão ou de rochedo
Ou de corpo de nevoa a alevantar-se.

Tu fôste a minha ama; e quanta vez,
Nos teus peitos de terra, êrma Paizagem,
Mamei com fome o leite que me fez
Poeta e irmão das agoas e das pedras.

Quanto te devo a ti, e ás tuas arvores!
E ao sol que te fecunda e aos cordeirinhos
Que pastam pela encosta dos outeiros
E trepam pelas bordas dos caminhos...
E andam em sitios altos, escabrosos,
Por ingremes penedos e ravinas,
Olhando com seus olhos religiosos,
Cousas que apenas vemos em espirito...
E que tristeza os toma e infinda dôr,
Melancolia ideal, crepuscular,
A' tarde, quando a estrella do pastor
Surge, trazendo a Noite e os seus mysterios...

O' tristes animaes! O' creaturas
Pobresinhas, humildes, religiosas
Que viveis entre os homens ás escuras,

Sempre além d'este mundo e d'esta luz,
Ai, quem me déra a mim ser como vós!

Ai, quem me déra, ó doce jumentinho,
Vêr, como viste, um Anjo do Senhor
Que o Propheta não viu em seu caminho!

Se eu fosse como vós, mansos cordeiros,
Que o Menino Jesus ainda avistaes:
De dia, pelos lucidos outeiros,
Nas trevas do curral durante a noite!

Se eu fosse como vós, aves do céo,
E bichinhos da terra! Ai, se eu soubesse
Tudo o que vós sabeis! E se aos meus olhos
Vossa simples Verdade apparecesse!
Se eu fosse assim obscuro, humilde e bom!
Se eu voasse no céo, ou na sombria
Terra andasse de rojo, com certeza
Via Deus, rosto a rosto, e não morria...

Minha velhinha casa entre o arvoredo,
Que o nevoeiro esbate em fórmas vagas;
Rectas de bruma e curvas de segredo
E diluidos angulos de sombra...

Minha velhinha casa abandonada
E triste quando o sol lhe diz adeus!
E, na ascenção da lua aureolada,
Phantastica se torna e transfigura...
E me contempla e fala...
Mysteriosa
Casa, onde tu, ó sombra minha, esvoaças!
E entremostrando vaes teu esqueleto
De pedra e teus postigos sem vidraças...
Negros, fundos buracos que paracem
Esse olhar das caveiras, insondavel
E sempre fixo em nós, com a insistencia
Da quietação, da inercia imperturbavel...

Velhinha casa! O' portas oscillando,
Desconjuntadas já das mãos do vento,
E amollecidas do contacto brando
Dos longos dedos humidos da chuva.
Tristes ruinas que a Volupia faz!
A volupia do Tempo sensual
Que tudo abraça e beija e tudo funde
Em seu peito chimerico e abysmal,
Para que tudo, em novo sentimento,
Em novo amor mais alto e mais profundo,
Em alegria nova e nova dôr,
Para outra vida, surja em outro mundo!

Velhinho pateo a olhar para o Oriente,
Tal como um templo Celta, onde as ortigas,
N'um impeto de vida consciente,
Nascem da propria pedra que, apesar

De ter sido cortada e trabalhada
Pelo ferro que a morde e esterelisa
E a deixa, tanta vez, incendiada,
Conserva ainda no peito claras seivas;
Intimas, fundas seivas virginaes
Que o sol commove e aquece, até que affloram
Em brandas, tenras hastes vegetaes;
Almas de aroma e corpos de verdura...
E são a propria pedra enternecida,
Vergando sob o pêso d'uma abelha...
E um zumbido a perturba... E, enlouquecida,
Estremece se um ai, um sôpro a beija.

A pedra rija e bruta e nevoenta,
Que apenas cede ás fortes explosões
E ás férreas alavancas, e sustenta
Uma montanha ás costas! a pesada,
Espessa e tôsca pedra — ei-la que treme
E verga se um insecto n'ella pousa;
E murcha, amarellece e chora e geme,
Sob o pêso da luz...

Velhinho pateo
Que o sol, mal nasce, beija, aquece e doira...
E o luar lhe sopra, em noites outomnaes,
Espirito e penumbra que o diluem
Em êrmas, vagas fórmas espectraes...

O' fonte do Terreiro (sol e luar!)
Ante visão profunda do meu sonho...

Grande busto de Fauno que em logar
De chifres, tem na fronte duas arvores!
E sobre os labios sensuaes de pedra,
(Boca de furna em rosto de paizagem,)
Como espesso e phantastico bigode,
Tem dois ramos torcidos com folhagem!
E sobre a sua fronte arborisada,
Paira um anjo christão d'azas abertas
E extaticas, na branda luz doirada
Que nimba a face gélida da pedra...

O' minha santa casa, entre o arvoredo!
O' lagrima com salas e janellas
E escadas, onde eu ouço, por encanto,
Os passos da Saudade... que ás estrellas
Ao Infinito, ás nuvens se dirigem;
Dando aos astros mais luz, e ao Infinito
Mais alma; e dando assim mais agoa virgem
A's nuvens e mais vida á minha vida!

Minha velhinha casa, com varandas
Que a noite desfallece e o sol aviva,
Onde, á tarde, tão branca! se debruça
Minha tristeza ideal, contemplativa...
Esta tristeza que é meu proprio espirito,
Irradiando de mim e penetrando
De sentimento humano o céo e a terra.
Amor que tudo vae annuviando.
E o nosso sentimento que já foi

Terra e céo, mais perfeito e crystalino,
Regressa ao Grande Espirito que assim
Cada vez é mais alto e mais divino...

Meu perturbado lar nos frios mezes,
Quando o vento acordava as tuas cinzas,
Como um perfil, um gesto, muitas vezes,
Uma velha saudade, em nós, aviva...
Quando a chuva batia na vidraça,
Como nos nossos olhos nossas lagrimas
Que tombam d'alta nuvem que esvoaça
Atravez a amplidão do nosso sêr...

O' sacro fogo alegre e crepitante!
Alegria da lenha que se vê
Liberta em chamma viva e palpitante
E redimida em santa claridade!

E minha Avó rezava e mais vento,
De brancas mãos asceticas erguidas
Como o fogo que ardia; e de cinzento
Cabello como o fumo; e como um lar,
Em volta, derramava tal carinho,
Uma tal sympathia e luz e graça,
Que nós todos rezavamos baixinho,
Sem saber, alheados e scismaticos...
E uma chuva meuda, sob o peso
Que faz cair as lagrimas, cala...
E ouvia-se, lá fóra, a sonhar alto

O vento... e, ás vezes, praguejava e ria!
E voavam môchos pallidos, carpindo
Tristezas; e no negro do Silencio
E no rosto das sombras espargindo
Algida e triste pallidez de lua...
E todos nós, em roda da fogueira,
Tão pertinho do céo, longe do mundo,
Sob bençãos e luz, nos concentrávamos
N'um vago, aéreo meditar profundo...

O' minha antiga casa, certa noite,
Bati á tua porta; mas em vão!
Estavas triste e só! Bati, bati,
Como bate em meu peito o coração!
E sinistras pancadas, de repente,
Echoaram em tuas salas inundadas
De sombra e de silencio! E novamente
Bati, bati, bati! Ninguem falou!
E eu olhei para mim: vi-me sósinho
N'aquella noite morta, sem estrellas...
E era um rosto confuso minha casa,
Com seus traços de portas e janellas...
E fórmas alvejantes, mysteriosas,
Pairavam na penumbra e murmuravam...
Cá fóra o luar chovia sobre as cousas
Concentradas n'um extase infinito!
E as sombras do arvoredo eram tão nitidas
E negras sobre a terra, onde o luar
Era tão fria e intensa pallidez
Que as pedras se sentiam desmaiar!

E olhei os altos céos; e vi absorto
A branca lua, além, tão clara e fria,
Que assemelhava um sol... um sol já morto
Que na sombra surgiu como um phantasma...
E de novo bati; chamei, chamei.
E as pancadas sinistras abalaram
As sombras e o silencio que, lá dentro,
Em subita desordem, acordaram!
Vi sombras que fugiam n'um convulso,
Tremulo bater d'azas! E o silencio
Passou por mim, fugindo... e no meu pulso,
Houve incendios e gélidos desmaios!
E as sombras e o silencio se perderam
E o luar, por fim, tambem... E os altos céos
E tudo se afundou n'um mar de nevoas,
E, rosto a rosto, me encontrei com Deus!

O' minha antiga casa, pelo inverno,
Se o vento geme, á noite, nos beiraes
E a chuva nas vidraças, quantas vozes
E sombrios suspiros e êrmos ais,
Pairam no ar escuro do meu quarto,
Como espectros de sons mysteriosos...
E se debruçam pallidos, gelados
Em meus fundos ouvidos anciosos...
E descem brandamente... e vão descendo
(O' phantasticas vozes a falar!)
Sobre o meu coração que se perturba
E em alvoroço bate e quer cantar!

Que intimidade entre elle existirá
E tudo o que de sombra, espectro e nevoa
Paira nas cousas lugubres onde ha
Vozes que elle entreouve e comprehende!...
Pois entre a minha vida e as outras vidas,
Ha uma sombra constante que me torna
Todas as fórmas vagas, diluidas
Em distancias de morte e cinza e bruma...

O que em ti é tristeza, coração,
E' penumbra nos bosques; e crepusculo
No sol; e em voz humilde de oração,
Uma nodoa de duvida e silencio...

Uma arvore é um phantasma! O lyrio aberto
Um fumo a erguer-se em haste... e a propria rocha,
Por mais tôsca e real, vista de perto,
E' nevoa que se perde... E nós que somos?
Nosso perfil é triste nevoeiro
Que se esvae, de repente! E nosso amor,
Tudo o que de mais fundo e verdadeiro
E claro em nós existe... ainda é noite!
Ah, cada cousa ou ser é sombra vaga,
Ondulando no tempo e mais no espaço...
Um esboço de vida que se apaga,
Mal se acende; uma voz, um grito, um gesto...
O sol é subita expressão de riso;
A noite um fechar d'olhos instantaneo...
E um sentimento incerto, ainda indeciso
Da alma universal, a alma humana.

E o dia é noite ainda... E nosso espirito
Um brando lusco fusco amanhecente...
E o mundo um negro chaos, materia informe...
E o proprio Deus é ainda adolescente...

A sombra do Tamega

O' minha velha casa! O' velhinhas janellas,
Como dos olhos meus minha alma vê o mundo;
De vós, avisto, á noite, o vago céo profundo,
Onde germinam, como lyrios, as estrellas...

(Do *Sempre.*)

Minha santa janella onde eu medito
E digo adeus ao sol e falo ao vento...
E saudo a Aurora e leio no infinito
E sinto, ás vezes, um deslumbramento!

Minha janella aberta sobre um val,
Com arvores sombrias, onde passa
Um rio de agoas mortas, espectral,
Que em suas azas de nuvem esvoaça...

E vejo erguer-se o rio crystallino,
Transfigurado em sonho, em nevoeiro..
E faz-se eterno espirito divino
Aquelle corpo d'agoa prisioneiro.

O' lactea emanação! O' nevoa densa!
O' agoa aberta em aza! O' agoa escura!
Agoa dos fundos pégos no ar suspensa,
Vestida, como um Anjo, de brancura!

O' agoa negra e morta que te elevas,
Qual phantasma, no azul que desfallece!
O claro e heroico sol que vence as trevas,
Porque será que ao vêr-te, empallidece?

O' agoa d'além tumulo! Agoa morta!
O' agoa do Outro Mundo! Apparições
De neblina entre as arvores... Absorta
Paizagem povoada de visões...

E enchendo todo o espaço de esplendores,
De desmaios, de mortes e de magoas,
Diluindo tudo em mysticos alvôres,
Ergue-se a sombra livida das agoas...

Quantas vezes de ti, minha janella,
Eu lhe falo e a interrogo... E com certeza
A tua sombra, ó agoa, é irmã d'aquella
Que anda em meu coração, e é tristeza...

Ei-la a pairar na humana solidão
Infinita da Noite, quando as cousas
São chimerica e estranha emanação
De silencios e sombras mysteriosas...

Ei-la que paira, ouvindo a voz da lua,
E o silencio do espaço, e as anciedades
Das sombras que, na terra branca e nua,
Parecem desenhar profundidades...

Ei-la a pairar nas trevas que em nós deixam,
Nas almas e no céo, na terra inteira,
Os olhos lacrimosos que se fecham
E dão, em vez de luz, cinza e poeira...

Bem mais do que n'este ar que se respira,
Pairas na minha alma... E com teus dedos
De penumbra arrebatas minha lyra,
O' Tamega de sonhos e segredos!

E vaes compondo versos de neblina
A's arvores, ao monte e á dura fragoa...
Elegias d'orvalho á luz divina,
E endeixas de remanso e cantos de agoa...

E pairas dentro em mim... E n'um sombrio
Gesto de aza, percorres as Alturas!
E molhas minha fronte, aéreo rio;
E atravez d'ella sonhas e murmuras...

E tua agoa fluidica se espraia...
E n'um dôce remanso enamorado,
Beijas minha janella que desmaia...
E em teus beijos ha luar e sol doirado.

O' bemdita janella entre as janellas,
Onde fala commigo a luz do luar,
E mais a voz longinqua das estrellas
Que traz, em sangue, os pés de tanto andar!

Bemdita sejas tu, ó sempre aberta
Sobre o meu coração, e estes outeiros,
E esta noite phantastica e coberta
De espectros, de visões e nevoeiros!

A quéda

Que seja uma Ascenção
Ó almas, toda a Queda!

(Do *Sempre.*)

Olha a chuva a cair! O' fulminada,
Negra nuvem rebelde!
O' nuvem pobresinha e condemnada
A cair, a cair!

Olha uma ave que tomba e se desterra
Para longe... E quem sabe
Se aquellas azas atravez da terra
Hão de voar mais alto!

Olha aquelle velhinho e pobre muro,
A esboroar-se quasi...
E as pedras tristes choram seu futuro
De inevitavel quéda!

As fontes choram, sim, porque ser fonte
E' cair sem descanço!
O' soluços dos campos e do monte,
Olhos da terra em lagrimas!

Velha mendiga que se curva e pende,
Sob o peso do céo!
E pede auxilio á cova que lhe estende
Os seus braços de terra.

Todo o corpo, ao cair, no espaço deixa
Um rastro de agonia!
Tudo o que tomba é aza que se fecha,
Tudo o que cáe é lagrima...

A sombra do Vento

Espirito invisivel, êrmo vento,
Força desconhecida,
Que vens da fronte azul do Firmamento...
Ideia incomprehendida!

(Do *Sempre.*)

E' noite; ainda vem longe a madrugada...
Noite negra e sinistra porque é funda,
Qual pégo onde a agoa livida e parada
Faz mêdo a quem a vê...

O' noite morta,
O' cadaver de treva! O' mãos de gêlo,
Que pousaes sobre o rosto ao viandante,
A' luz, já d'além-céo, do sete-estrêllo,
Sete lagrimas frias do silencio...

E ei-lo que ch ra e treme ante os doridos
Phantasmas do silencio, êrmos espectros
Feitos dos ais do vento e dos gemidos
Das cousas na afflicção da noite negra!

No meu quarto estou só; medito e scismo...
E sonho, em quê? Em nevoas, claridades,
Penumbras que se embebem no meu sêr,
Fumos de sobresaltos e saudades...
E um nevoeiro de vozes e rumores,
Diluem-me n'um fundo esquecimento,
E sinto-me abysmar, descer... e sonho...

Subito, acordo. Quem me fala? O vento.

E tão depressa vôa, que meus olhos
Mal o conseguem vêr! O' vento errante,
Para onde vaes assim n'esse delirio,
Para que mundo ausente e céo distante?...
Para onde vaes n'esse delirio estranho,
Que é a força que sustenta as tuas azas,
Quando, em ondas de folhas e poeiras,
Passas além das arvores e das casas!

Quem me dera saber para onde vaes,
O' êrmo vento, á noite, a clamorar...
E de repente, apagas minha luz
E perturbas as cinzas d meu lar!

Mas nem um ai apenas, tu descanças!
E lá partes! e nada te demoras,
Espirito febril, phantasma hysterico,
Doido que, ao mesmo tempo, ris e choras!
E levas os cabellos em desordem,

Quando bates com furia á minha porta;
E lagrimas nos olhos, e na face
A fria pallidez da noite morta...

O' cavalleiro de perfil tão triste!
E todo em ondas como o fundo oceano;
E todo em s bresaltos e anciedades,
C mo este pobre coração humano!

E andas cheio do pó que os Rocinantes
Levantam, galopando! E desgrenhado
E revolto tu levas o cabello,
E de mortas folhagens empoado!

O' cavalleiro pallido e outomnal,
Quantas vezes, em Maio, te desmontas
E te deitas cançado em lindo val,
A' verde sombra mystica e pagã,
D'arvore ouvindo, em intima alegria,
E alvoroços de mãe e sobresaltos,
Uma Voz a gritar: Alleluia!
Sobre os montes, os campos e as florestas!

E em doce e santa paz, fechas os olhos;
(E zumbidos e vôos andam no ar)
E adormeces e sonhas... e mal se ouve
Teu pacifico e lento respirar...
E o perfume das flôres bate as azas
Sobre teu brando rosto adormecido...

E vôa, ora subindo, ora descendo,
Ora ficando esparso e diluido...
Ou então se reune e se concentra
Em fórmas já mais claras e attingiveis,
Formando, aqui e além, mysticas nevoas
Que são quasi corporeas e visiveis...

E as pobresinhas flôres nunca tiram
Seus olhos dos perfumes que exhalaram;
E onde vão em amor e dôr e sonho,
E nas fórmas em que ellas encarnaram...
Pois cada aroma tem o mesmo talhe
Da flôr que o géra e cria em seu amor...
O mesmo rosto, os mesmos olhos verdes,
O mesmo gesto vivo e viva côr.

A alma é um corpo em fórmas espectraes.
O perfume das rosas é uma rosa,
E o perfume d'um lyrio não é mais
Que um lyrio alado e vago e quasi espirito...
E assim a nossa alma, irradiação,
Perfume vivo, ideal da Creatura,
Tem d'ella o mesmo talhe, a mesma fórma,
A mesma escura ou lucida figura.

Mas, de repente, ó cavalleiro, acordas!
E pões flôres na fronte (lindo enfeite!)
Arrançadas, ó dôr, antes do tempo,

A verdes seios túmidos de leite!
E montas a cavallo; e, n'um delirio
E n'uma ardente febre sublimada,
Atravez de relampagos que lembram
Esse heroico fulgir da tua espada,
Galopas! e as florestas se desolam!
E os tôrvos ares tremem! E das patas
Do teu cavallo, como pó, se evolam
Grossas, sombrias nuvens de tormenta!
E galopas, galopas, doidamente!
Até que emfim, te perdes na floresta
Da Noite que, á luz nova e alvorescente,
Seca, tomando um ar d'outomno e morte...

O' vento, ó vento, a uivar nas altas gáveas,
Quando o mar, n'um delirio, attinge os céos!
E ha soluços de espuma que embranquecem
A noite, sonho túrbido de Deus...

O' vento, ó fogo aéreo em que me abrazo!
A gritar nos pinhaes que se arrepelam
E contorcem de dôr, como se acaso,
Tu quizesses, ó vento, arrebatá-los
A' terra que os criou e tem por elles
Alto carinho e fundo amor materno!

Nem sabes o que fazes, quando arrancas
E desfolhas as arvores no inverno!

Nem sabes o que fazes! Quanta magoa
Espalhas pela terra! E quantas cruzes
Ergues no negro espaço, onde agonisam
Martyrisadas e sangrentas luzes!

Quantas lagrimas tristes e soturnas
Cáem de tuas azas que se agitam
Em anciedades incubas, nocturnas;
N'um enorme alvoroço semelhante
A' exaltação prophetica, ao delirio
Do poeta a meditar sobre os abysmos,
Sentindo em sua carne a pedra, o lyrio,
As ondas, o deserto, a terra fertil,
As rochas, os metaes e os nevoeiros,
Sombras do Outomno e luz das Primaveras;
A neve branca e triste e a rubra lava
Que escorre, como sangue, das cratéras!

Com que bruta alegria, ó vento louco,
O brando pó inquietas, e arrepelas
Verdes tranças das arvores que a Noite
Com suas mãos de sombra, enche de estrellas.
E despertas d'um claro somno leve,
O espirito das ondas, que é ternura
E commoção nas brumas e na neve
Frio deslumbramento, alvor mortal...

E como sob um ferro em braza, as ondas
Estorcem-se de dôr; e furiosas
Atiram-se de encontro ás penedias
Extaticas, inertes, religiosas,
Que abrem os olhos vagos e somnambulos
Ante o perfil asperrimo do Norte,
Despertas d'um dormir mais negro e fundo,
Mais povoado de sonhos que o da morte!

Com que prazer as tuas mãos, ó vento,
Espalham os incendios que ao sentí-las,
Redobram de furor! e n'um momento,
Se alevantam em caules abrazados!
Altos troncos de fogo dividindo-se,
Convulsos e inundados de suores,
Em ramos crepitantes que se vestem
De purpurinas e brilhantes flôres!

O' arvore abrazada! árvor de fogo!
Tuas raizes mordem e devoram
As arvores pacificas dos montes
Que nos tristes crepusculos se choram...
E com que fome horrivel e ugolina!
E quanto mais se fartam, mais ainda,
A fome as dilacera! E aquellas garras,
Com uma raiva ardente que não finda,
Cada vez mais se cravam e penetram
N'aquella carne tenra e embrandecida,
Que se contorce e grita, e se mareja
De lagrimas, e cáe desfallecida...

O' arvores christãs! O' condemnadas
Pelo fogo pagão! O' dóces martyres!
Cecilias que, sem pena, sois lançadas
Sobre a arena dos tragicos incendios,
A's garras das fogueiras crepitando,
De olhos em sangue e raiva, ameaçadores;
E rugindo de colera, e agitando
A sua juba túrbida de fumo!

E o vento sopra! E a livida floresta
De fogo brame, e cresce em dura guerra,
N'uma anciedade de ganhar raizes
Em todo o céo azul e verde terra!

Dir-se-ha que tu, ó vento, communicas
O teu delirio ao fogo e ao mar profundo!
E tão sublime e estranha é tua voz,
Pairando evocadora sobre o mundo,
Que arrebatas as ondas da maré
E as ondas abrazadas dos incendios;
E mais meu coração que tambem é
Um incendio d'amor e um mar de lagrimas!

Eis porque choro e tremo em grande abalo,
Quando bates, de noite, á minha porta,
E corro a abrí-la, e em alta voz te falo!
E uma voz me responde, voz longinqua
Que vem talvez do coração da noite
Ou de meu coração... (quem sabe d'onde?)
Tão triste da distancia!

Unica voz
Que, sempre que interrogo, me responde!
O' voz gerada em labios espectraes!
Labios feitos de nevoa e de crepusculo
Que em segredo e mysterio, me falaes
No silencio da noite e da minha alma...
O' voz amiga e irmã, que em meus ouvidos
Morres n'um beijo aureoral de sombra!
E atravez d'estes versos commovidos,
Te repercutes pallida e chimerica!
Assim os tôrvos, densos nevoeiros,
Que são echos visiveis das profundas
Agoas das fontes, lagos e ribeiros,
Nas arvores e no ar se repercutem...

E fecho a porta á Noite que se julga
Lá fôra, abandonada; ella que existe
N'este meu coração, em alma e corpo,
Em silencio, em luar e sombra triste...

E quebrando o silencio novamente,
Estranha exaltação, fundo arripio,
Estremecem os céos, onde deslisa
Transfigurado em nuvem, o meu rio...
E o vento geme, e bategas de chuva
São brandos fios d'agoa... e de tal arte
Prendem a terra ao céo!... Grilhão de lagrimas
Que o sol, n'um gesto d'alvorada, parte!

E as vidraças inundam-se... e perpassam
Sombras na noite... E os vidros marejados
Vestem-se d'ais, murmurios que esvoaçam
Sobre o meu coração, e n'elle pousam...
E o vento, como as agoas, tudo alaga,
Deixando atraz de si um rastro escuro
De silencio que o mesmo vento apaga...
E fico a ouvir phantastica paizagem
Que, além da voz do vento e dos enxurros,
Ante os ouvidos meus se desenrola
Em planicies confusas de sussurros,
Montes de som e valles de silencio...

E n'um scismar profundo me concentro...
Sinto que desço... fecho os olhos... ando..
E calco sob os pés estranhas sombras,
Êrmos, fundos abysmos contemplando!...
E em declives de brumas e silencios,
Sinto-me resvalar... e vou descendo
Como uma penna leve... e vou subindo...
E voando e sonhando e comprehendendo...
Ha desmaios de nevoa... E a sombra aérea
Do sonho me trespassa, embriagando
Meus sentidos que ao mundo da materia
Se fecham como a tampa d'um sepulchro...
E vejo-me infinito e sem edade...
E sinto bem meu corpo que se afunda
No silencio da noite... e sinto bem
Que sou Noite, Silencio, Alma profunda.

Canção d'uma Sombra

Dir-se ha que eu nasci
Das arvores sombrias
Que estreitam, n'um abraço,
A minha antiga casa...
Que minha alma nasceu
Da luz dos claros dias
E do infinito que ha
No palpitar d'uma aza...

(Do *Sempre.*)

Ai, se não fosse a nevoa do meu rio
E a velhinha janella onde me vou
Debruçar para ouvir a voz das cousas,
Eu não era o que sou.

Se não fosse esta fonte que chorava
E como nós, cantava e que secou...
E este sol que eu commungo, de joelhos,
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse este luar que chama
Os espectros á Vida, e se infiltrou,
Como fluido magico, em meu sêr,
Eu não era o que sou.

E se a estrella da tarde não brilhasse;
E se não fosse o vento que embalou
Meu coração e as nuvens nos seus braços,
Eu não era o que sou.

Ai, se não fosse a noite mysteriosa
Que meus olhos de sombras povoou
E de vozes sombrias meus ouvidos,
Eu não era o que sou.

Sem esta terra funda e fundo rio
Que ergue as azas e sobe em claro vôo;
Sem estes êrmos montes e arvoredos
Eu não era o que sou.

A minha sombra

Eu — a Sombra, o Mysterio, o Phantasma ignorado...

(Do *Sempre.*)

E vejo minha sombra mysteriosa
Que ora se estende e alonga commovida,
Em gestos indecisos, sobre a terra...

Ora recúa e foge, de medrosa...
E em sua propria carne indefinida
Parece concentrar-se e definir-se.

Dir-se-ha tomada, ás vezes, de loucura...
E negros sulcos abre em luz magoada
Que a mesma luz inunda e logo apaga.

Quantas vezes, se abraça á terra dura;
E fica assim somnambula e parada,
N'um enlevo de nevoa que o sol doira!

Quantas vezes, de subito, apparece
(Obra de encantamento e de magia!)
Nas agoas que lhe insuflam vida e côr...

De fórma que ella illude, e nos parece
O nosso corpo vivo, á luz do dia,
N'um fundo de agoas mortas encantado...

Ou se torna indecisa, a tremular...
E claridades sobem mysteriosas
De seu remoto seio urdido em luz.

E como fica triste, quando o luar
(Agoa de sonho e nevoa) sobre as cousas,
Em movimentos fluidicos, ondula.

E ás vezes, quer falar... e nos deslumbra
Voz espectral que os céos empallidece
E as arvores apaga e a luz do sol...

E abre os labios sorrindo... E que penumbra
O seu riso projecta! Até parece
Que é só feita de riso a sombra humana!

E a voz da minha sombra, aonde existe
A voz da Morte, alonga-se magoada
Nos valles, como a noite no infinito...

Fala-me da tua dôr, ó sombra triste!
O' sombra que ao meu corpo estás pregada,
Com os pés a sangrar e as mãos em sangue!

Tu és a imperfeição de que sou feito;
A noite que meu corpo solitario
Derrama sobre as cousas porque passa...

E quanto olhar ancioso e insatisfeito,
Deixas na escuridão (negro calvario!)
O' minha sombra triste, irmã da Morte!

És a lampada escura que ante mim
Caminha, e estes meus passos allumia
Na estrada que vae dar á sepultura.

O' luz do meu Principio e do meu Fim!
Limite da Esperança e da Alegria,
Precipicio onde cáe tudo o que vive!

O' sombra do meu corpo! O' sombra amára!
Madrugada da noite interminavel
Que vem surgindo, pallida, da terra...

O' sombra! O' minha vida alegre e clara,
A desdobrar-se em vida miseravel,
Em vida de tristeza e de amargura...

Tu decerto és maldita, e fazes medo!
E ao ver-te, minha face se descóra,
Como Deus ante a noite primitiva...

Se tu fosses Certeza e não Segredo!
Ai, se este fragil corpo, como a aurora,
Irradiasse luz em vez de sombra!

Ai, se este corpo fosse a clara origem
De esperança infinita e eterna luz,
Em vez de escura fonte de tristeza!

Fonte de vida e amor! (divina origem!)
Uma lagrima, ao menos, de Jesus,
Ou um sorriso, ao menos, do deus Pan!

Ai, se elle fosse vida em vez de morte!
Se em vez de me ver n'elle morto e preso,
Elle se visse, em mim, liberto e vivo!

Se em vez de negra fosse clara sorte!
E se levêsa fosse em vez de pêso;
E em vez de ser quem ama, fosse o Amor!

O' minha pobre sombra inseparavel,
Que nasceste quando eu ao mundo vim
E has de baixar commigo á sepultura!

És viva como eu sou, e miseravel!
E serás, sombra triste, para mim
O que todo o Universo é para Deus?

E tens a mesma fórma e natureza
D'este meu corpo; e o segues e acompanhas
E seus gestos e modos reproduzes,

Que em ti palpita e soffre, com certeza,
Sob fórmas chimericas e estranhas,
Este meu pobre e fragil coração...

Ah! soffres como eu soffro! És dôr e amor!
E tudo quanto eu sinto, vaes sentindo
E tudo quanto eu olho, vaes olhando...

Antes fosses a sombra d'uma flôr;
De rosa ou lyrio ou d'arvore espargindo
Oleo santo de vívida frescura...

Ou de nuvem que os céos empallidece,
Ou de aza ou de perfume esvoaçando,
Ou de saudade aberta em nossos olhos;

Triste flôr que apenas reverdece,
Bebendo nossas lagrimas... secando
Logo ás primeiras neves da Alegria.

Antes fosses, ó triste sombra minha,
Como a sombra pacifica dos montes;
Sombra profunda e grave que se alonga,

Conforme o sol declina, e se avisinha
A noite dos sombrios horizontes,
N'um alvorar de paz e solidão...

E é já noite absoluta... E tudo é Sombra,
Profundidade, Abysmo, Eternidade;
Infinito de paz e de concordia,
De commoção, ternura e de bondade...

A sombra da Vida

E' sempiterno tudo
O que pertence á Vida.
Virgilio ainda ouço
O teu cantar bucolico...
Teu canto de tristeza,
Ophelia enlouquecida,
Ficou sempre a vibrar
No espaço melancholico...

(Do *Sempre.*)

Abre os labios, ó Vida, e vem dizer-me
O teu segredo eterno!
O' sombra cosmica,
Illumina-te, sim; quero perder-me
Em teu seio de luz, não revelada.
Quero-te vêr, ó Vida, rosto a rosto!
Quero tocar tua divina essencia;
Quero-te vêr directamente; e não
Atravez da Mentira e da Apparencia.

Ah, dize-me a palavra derradeira!
Essa palavra magica que tem
Sido um murmurio vago e imperceptivel,
Um reflexo de voz, vindo do Além;
Mas vivo e commovido e illuminado

Nos labios dos Prophetas e dos Santos...
E sussurro mechanico e pesado
Na bôcca sêcca e arida dos Sabios...
E voz de aroma em flôr que desabrocha,
E vagido de nevoa em labios de agoa;
E murmurio de musgo em tôsca rocha
E brando som de luz em branda areia...
E voz de sete côres nos teus labios,
O' Iris, onde amor divino existe!
Grito febril na bôcca a arder do Sol
E syncope de voz na Lua triste...

Eis o que eu disse, um dia, á noite negra
Da Terra; e a Noite os labios descerrou...
E uma sombria voz, em meus ouvidos,
Se fez resplandecente; e assim falou:

Teu coração ausculta, se desejas
Vêr o esplendor da Essencia eterna e viva
Que na Côr e na Fórma se entranhára;
E n'ellas foi ceguinha e foi captiva.
N'ellas gritou, chorou com amargura;
Soffreu mortes, degredos e miseria,
Até que, um dia, se viu livre, emfim,
Da escuridão sinistra da Materia!

E em commovido e consciente espirito,
Ei-la que sobe, pura e redimida,
A' luz da Beatitude, Amor e Graça,
A' luz de sublimada e eterna Vida!

Olha: contempla o Espirito sombrio
Da Origem; vê: contempla a Sombra enorme
Que d'alto a baixo se rasgou, tal como
Os negros véos do Templo!

E d'essa informe,
Estranha Sombra cosmica saíu
Onda espectral de luz quasi invisivel;
Um desmaio que, pouco a pouco, abriu
Seus olhos, n'um olhar de nebulosa...

Perde-te n'essa Nevoa anterior...
Primeira creatura que por sua
Vez, se tornou creadora em seu amor:
E ei-la estrella abrazada e mundo gélido!

E vagamente, a terra tenebrosa,
Sob os beijos do sol que a fecundaram,
Mudou-se em verde planta religiosa
Que depois se tornou, por um milagre,
Creadora tambem...
E as aves vôam
No céo; e pelas selvas que estremecem,
Sinistros animaes ainda indecisos
E grandes como sombras, apparecem...
(E o sol em furia e raiva, n'elles arde...)
São deuses monstruosos, sanguinarios
Que vão criar o homem que, mais tarde,
Será Boudha e Jesus...

E estes dois Santos
Deram, por sua vez, divina origem
A Deus, o Sêr Perfeito e Sempiterno:
A Vida Espiritual mais alta e virgem,
Para que tende o Homem, sublimando-se.

Sim; criar é viver e amar, soffrendo.
E é mais que o Creador a Creatura.
O primeiro creador é monstro horrendo
E Deus é a creatura derradeira.

E o Creado tem sempre a sua fonte
Na commoção etherea e transcendente,
No delirio sublime e religioso,
Na exaltação prophetica e vidente
Do Creador que ajoelha, olhos na luz,
Ou seja terra escura ou féra brava,
Ou pedra ou Boudha, ou arvore ou Jesus,
Ou faula de lume ou gotta de agoa!

E a ultima creatura tem a mesma
Natureza da Sombra anterior...
E a Noite do Principio e Deus se casam:
E assim a Vida e a Morte; a Dôr e o Amor.
A ultima creatura é a alma apenas.
Está longe, portanto, do Animal
Que só pode viver assassinando,
E, em vez de luz e Bem, é treva e Mal!

O' corpo para sempre condemnado
A' dôr, á imperfeição! E todavia,
Continuamente crias o perfeito
Sêr espiritual que se extasia
Em si proprio; e medita e sonha e reza;
E só vê o Infinito e a Eternidade...
E sem fomes, miserias, dôr e morte,
Vive; e é fonte de Vida e de Bondade...

Por isso, o homem creador só pode
Ser perfeito na sua creatura;
Isto é, em Deus, emanação eterna
E santa de seu corpo de amargura
E mortal...
Deus brotou do sêr humano,
Como nascem as brumas infinitas
Das limitadas agoas do Oceano;
E o aroma d'uma flôr e o olhar d'uns olhos...

O sêr imaginario, espiritual
Existe, sim; é vivo e verdadeiro:
Tem existencia cosmica e real,
Como o rochedo e o fogo.
E' a Essencia mãe,
A Sombra originaria, a Luz escura,
Que, depois de encarnar em corpo tragico,
N'esse corpo se exalta e transfigura,
Em sentimento eterno.
O sonho e o amor
São tão reaes que, ás vezes, nos parecem

Tangiveis e palpaveis; podem vêr-se!
E quasi choram, sim; quasi entristecem,
N'uma vaga lembrança do que foram...

Ah! o Espirito existe; existe e vive!
E tudo o que o Espirito criou,
Ou em sua alegria ou dôr amarga,
Na terra e céo, extatico, ficou!

E Pan eternamente nos deslumbra!
E ha cantar a Esperança, o Amor e a Vida,
Nos bosques, sob a chuva da Penumbra;
Pelos outeiros verdes, onde o Sol
Se casa com as fontes murmurosas!

E Venus, para sempre, em alegria,
Ha-de viver e confundir seu riso
Com as lagrimas santas de Maria!

E Christo não morreu; ei-lo inda em lagrimas
E sangue sobre a Cruz, como no instante
Em que nas mãos do Pae rendeu a alma
E o céo se fez nocturno e trovejante!

Ah! vêde, olhae os cêrros do Calvario!
E a multidão escura e o negro céo!
E ameaçando o mundo, o vento vário
Com sua clava herculea de relampagos!

Ah! vêde as brutas rochas que estremecem;
E ao longe, o mar em lagrimas de dôr!
E os mortos acordados e espantados
E os sepulcros abertos com fragor!

Ah! vêde a Mãe na sombra (Estrella d'Alva
De luto e de joelhos!) Vêde o Filho!
E' sempiterna aquella dôr que salva,
Como a alegria universal de Pan!

E as Nymphas não morreram! Quantas vezes,
Nos momentos de Graça, as surprehendo
Em nossos êrmos valles portuguezes,
Nos longes de verdura e de crepusculo!

Ouço-as cantar nas claras fontes vivas!
Chorar nas fontes sêccas, tristemente...
Pobres fontes que deitam, em vez de agoa,
Aridez e poeira e sêde ardente!

E tu, Santo da minha devoção,
O' martyr D. Quixote, és sempiterno;
E teu escudo e lança e coração!
E em teu comico e triste Rocinante,
Entre chufas, escarneos e maldades,
Como uma luz errante, sobre a terra,
Vaguearás para sempre, alto e divino
E triste, contra o Mal em santa guerra!

Victor Hugo foi homem? João Valjean
E' homem sempiterno. Shakespeare
Foi homem? Olha Ophelia: é mais irmã
De tua propria alma e sentimento;
Vive mais em teu peito enamorado,
Em tua carne e sangue e nos teus olhos;
Bem mais perto de ti, mais ao teu lado
Do que a propria mulher que tu amaste!

E sempre cada nova creatura,
Vida que d'outras vidas resultou,
E' mais perfeita ainda e verdadeira
Do que o sêr anterior que a fecundou.
Uma ave inda é mais viva do que a terra;
E o rouxinol mais vivo que uma flôr!
Ainda mais vivo o homem; e portanto,
Só Deus é que é perfeito em dôr e amor!

E o homem quer, deseja ser egual
A' Creatura eterna que sonhou,
Em seu alto delirio genial;
E, portanto, criou, dando-lhe vida!

Contenta-te, Creador, em ser perfeito
Na tua Creatura!
O' contingente
E miseravel corpo que não podes
Existir sem matar, sê tu contente!

Homem, exhulta e canta! Foste a origem
De Deus, tu que és Satan! Tu que és o Immundo
Concebeste a Pureza! E sendo o Mal
Foste a fonte do Bem!
Tu, que és um mundo
De miseria, de morte, escuridão,
Fizeste o Paraizo!
Ergue os teus olhos,
E ergue n'elles teu forte coração;
E, de joelhos, contempla o que criaste!

E mais não podes tu, pois sempre fica
O Creador distante da Creatura.
Bem longe fica o sol da luz da aurora!
E a propria escuridão da noite escura!
E o Poeta da sua Obra! E o nosso olhar
Dos olhos! E o amor do coração!
E o sorriso dos labios! E o voar
A que distancia está das proprias azas!

Dize á terra que seja semelhante
A' flôr que ella criou! E dize á flôr
Que seja egual á ave! E ao lobo errante
Que seja egual a Boudha e a Jesus Christo!

Meu coração é tudo

E tu, meu coração, surgiste d'entre a terra,
Como a haste que sobe, e em flôres desabrocha;
E como a luz do sol dos pincaros da serra
E a urze sem verdor das fendas d'uma rocha.

(Do *Sempre.)*

Quantas vezes eu desejo
Meu coração encontrar!
Mas onde é que tu estás,
Coração?

Será dentro d'este peito,
Onde te sinto bater
A tua triste morada,
Coração?

Que importa que tu estejas
Dentro de mim, tão unido
E entranhado em minha carne,
Coração!

Pois sempre que te procuro
E necessito de ti,
Nem me falas nem me ouves,
Coração!

Não fazes caso de mim;
Eu para ti não sou nada.
E amas tudo quanto existe,
Coração!

Sou caverna onde te mettes,
Emquanto é noite sómente.
Mal vem o dia, lá partes,
Coração.

Por isso, se quero vêr-te,
Olho as aves e as estrellas,
As montanhas e os rochedos,
Coração.

E tomas todas as fórmas!
Mal te vejo triste flôr,
És logo nuvem e fonte,
Coração.

Quantas vezes nos meus olhos
És lagrima a tremular;
E sorriso nos meus labios,
Coração.

Em ti, a folha já morta
Encontra viço e verdura;
Em teu amor resuscita,
Coração.

Se d'um porto branca vela,
Sobre as ondas quer voar,
Os teus suspiros a levam,
Coração!

E as estrellas que arrefecem,
Vão banhar-se em tuas chammas;
E scintillam como em novas,
Coração.

Apenas eu não consigo
Pôr-te os olhos um momento;
Arvore, estrella, neblina,
Coração.

Sou a pégada que deixas
N'este lôdo, quando passas
A caminho do Infinito,
Coração.

Tu és os olhos que eu abro
Para a terra e para o céo;
És meus labios, meus ouvidos,
Coração.

Só por ti eu communico
Com as outra creaturas;
És a lingua em que lhes falo,
Coração.

E eu para ti sou apenas,
Um antro negro e profundo,
Onde só vens quando é noite,
Coração.

A Sombra do Luar

O' noites de luar!
Noites desconhecidas!
O' creação da Lua,
O' altas creaturas!
Almas que visitaes
Minha alma! Estranhas vidas,
Que, ao vir do sol, ficaes
N'este mundo, ás escuras!

(Do *Sempre.*)

Ouve-se o luar caír sobre as ramagens,
Como chuva meudinha... E vae regando
As estereis e pallidas paizagens
Que a noite, como fogo, resequiu...
E, pouco a pouco, a terra sêcca e dura,
N'uma dôce emoção religiosa,
Vae-se vestindo de intima verdura
E de flôres occultas e espectraes...
Alta vegetação indefinida;
Ramos, folhas, ervinhas transcendentes,
Filhas da luz apenas reflectida...
Creaturas ideaes que para as outras,
Sois o que é para uma arvore sensivel
A sua verde imagem...

E o luar cresce,
E abre como uma flôr... E do Invisivel
Nascem Apparições desconhecidas
Que me sáem, de subito, ao caminho,
Ou apparecem, vagamente, ao longe,
Quando eu ando, de noite, êrmo e sósinho,
Como os Doidos e a Lua...
Hora divina,
Hora profunda de milagres, quando
De nossas trevas intimas affluem
Sombras ao nosso olhar; e quando as côres
Na indecisão de tudo se diluem...
E assim diluidas, casam-se e combinam-se,
Ficando mais irmãs que á luz do dia...
E fórmam um só corpo, uma só alma,
E sonham todas uma côr sombria!

Quando o Silencio ao triste luar se casa;
E n'um abraço espiritual se fundem!
E a Noite, n'um profundo bater d'aza,
Parece vir pousar em nossos olhos...
E as arvores têm um rosto de quem dorme
E um espirito occulto que vagueia,
Longe d'ellas, talvez... e em outras terras,
Cria funda raiz, e ao vento ondeia...

Hora d'amor e dôr e piedade,
Quando as folhas das arvores felizes,
Em busca de luar, no céo penetram
Como na terra as sôffregas raizes!

Quando alvuras de neves e de marmores,
Sobem á face escura da Distancia...
E as sombras dos rochedos e das arvores
Parecem tristes como um rosto humano...

Hora estranha de sombra! quando Venus
Desmaia ao luar; e lembra desmaiada
Uma lagrima triste de Maria
Sobre o perfil de Apollo incendiada.

Hora de encantamento e de mysterio...
Hora santa do Enigma; hora divina
De vidas e de mortes, quando o céo
E' alto e largo e a terra pequenina!

Hora de invocações, visões e syncopes,
E de vozes sem labios, e de olhares
Sem olhos, e de fórmas incorporeas;
E andam ventos de marmore nos ares...

Hora em que eu sáio, arripiado e mudo,
De casa; e ando sósinho e pensativo,
Sobre a Terra, onde eu soffro, em carne e sangue;
Sob o Azul onde, em alma, rezo e vivo!

E sinto bem que, dentro em mim, existe
A vossa dôr, ó arvores, que ao luar
Escondeis entre as mãos o rosto triste,
Ennevoado de sombras e de lagrimas...

Ah, desce ao fundo dos meus olhos, Lua!
Quero sentir em mim essa tristeza
Que á superficie do luar fluctua,
Como avesinha morta á tona d'agoa!
Tristeza que elle trouxe lá dos céos...
Tristeza do Infinito e da Distancia!
Santa tristeza cosmica de Deus!
Calma tristeza ideal da Eternidade!
Tristeza do Indeciso, do Principio!
Do Vago, do Crepusculo! Tristeza,
Eu bem te sinto em mim, pois tambem sou
Indecisão, crepusculo e incerteza!
Sou principio de vida e fim de vida;
Uma aurora e um poente á mesma hora;
Luz alegre e penumbra dolorida
Condensadas em viva e nova luz!

Tristeza do Luar, tristeza mãe;
Mãe da nossa tristeza. Se não fosse
O branco luar chimerico, ninguem,
Nenhuma cousa, sim, seria triste.

Ai, basta vêr-te, ó morta claridade,
Em lagrimas caír sobre este mundo...
Basta vêr-te caír, se na verdade
E' o mesmo que chorar vêr uma lagrima...

Fôste o Espirito Santo, ó Luar triste,
Que a Virgem abraçou e fecundou...

Fôste tu que a beijaste e que a sentiste
Em teus braços, ficar n'um spasmo ethereo!
Pois tu, bem claro e nitido, appareces,
Em toda a tua graça e branca luz,
E mystica piedade e dôr sublime,
No gesto e nas palavras de Jesus!

Ah, fôste a origem da tristeza humana,
Como o Sol a Alegria originou...
O sol que para a terra, é aquella voz
Que o sepulcro de Lazaro abalou!

Quando o Sol, de surpreza, aureo calor,
Nos entra pelo quarto, e em crystallina,
Limpida voz nos chama com amor
A' luminosa e clara realidade
D'uma manhã de Maio — o nosso espirito,
De sonho em sonho, tanto caminhar,
(Sonhos que são os montes d'além-mundo)
Cançado, os olhos abre ao marulhar
Da luz, inda nevoentos de visões,
De precipicios fundos e céos altos,
De estranhos e afflictivos pesadêllos,
Arripios, tremores, sobresaltos;
— E alegre, os vae banhar na luz sadia,
E em paz e amor contempla a Creação...
E sorri e abençôa na alegria
Infinita e sagrada de viver!

O sol é o pae de Pan; e a verde terra
A mãe. E um dia, a terra funda e virgem

Casou-se com o Sol, sob a purissima
Benção da Sombra cosmica da Origem.

Que festas, que alegria e que noivado
Houve no Olympo! E só os houve eguaes,
Quando Venus nasceu do mar salgado,
Quando a espuma das ondas aqueceu
E se fez carne viva e lacteos peitos;
Corpo de neve, em chammas, emanando
Um calor que tomava as proprias pedras
E a propria Pallidez ia córando...
E a côr verde das ondas que se movem
Com ancias de voar, se abriu á luz,
Em dois olhos divinos d'onde chovem
Fecundidade, amor e primavera!

Tu és o pae de Pan, ó claro Sol;
E a Terra sua mãe...
Com que delirio
O sol á terra se abraçou, beijando-a,
E um beijo era uma rosa, um cravo, um lyrio...
E a Terra viu seu ventre, qual caverna,
Abrir-se n'um abysmo de harmonia
E luz; e dar á luz, á luz eterna
O grande Pan que reina nas florestas,
No mundo, na materia e mais no corpo;
No Fogo, no Desejo e no Peccado...

Satan que floresceste a negra cruz,
E estás em sua flôr crucificado;

E deitas agoa clara em vez de sangue!
O teu olhar é um facho mysterioso
Que se illumina e é noite; e que se apaga
E é luz de eterno espirito amoroso...
E aureolado de luz e de calor,
Todo vestido de folhagens verdes,
Com os cabellos soltos ao sabor
Do vento que é seu halito fecundo...
E sobre a terra túmida de seivas,
Que é sua propria carne latejante:
— Ei-lo que reina em paz de Primavera
Ou em guerra de nuvem trovejante!
Ei-lo que reina sobre o Mundo e a Carne
E na Materia tragica e sem fim...
E na sombra mais negra e mais humana
Que tem havido — a sombra de Caim!

Vêde seu corpo immenso e sempiterno...
Membros de terra e pedra; olhos de fogo.
E com seus pés de cabra alcança o Inferno
E toca com os chifres nas estrellas!

Mas ai, se o dia morre e a Noite negra
Apparece no céo, a avoejar,
Como um pallido dia de além-tumulo,
As aves, em desordem, pelo ar,
Em sobresaltos tremulos voando,
Escondem-se nos ramos, como os lobos
Nas cavernas da serra, uivando, uivando
A' Noite que os domina e atemorisa...

E as proprias sombras, sim, quasi se tolhem
De medo; e vão fugindo até que emfim,
Tornando-se invisiveis, se recolhem
Ao cast seio maternal das arvores...
E, n'um passo tão timido e hesitante,
Apparecem sómente quando a aurora,
Como um Anjo de espada flammejante,
Mata o Dragão da Noite, e lhe arrebata
Das garras portentosas, este mundo
(O' impeto de luz heroico e forte!)
Que volta a si, tomando vida e côr,
Aos proprios pés calcando a propria morte!

Mas, quando a noite escura vem do céo,
N'um vago gesto de aza que arrefece
O mundo; e pousa, triste, em nossos olhos
Que lembram ramos onde, á noite, desce,
Em largas revoadas circulares,
Uma infinita multidão de sombras...
Onda de cinza esparsa pelos ares
Que cáe do sol já frio e amortecido,
— Vejo meu c rpo em sombras afundar-se.
E sinto minha vida tão confusa
N'um nevoeiro de vidas a espalhar-se,
Por toda a terra escura e claro céo!

E minha consciencia empallidece;
E se alonga confusa e semelhante
A uma gotta de orvalho, á luz do sol,
Entre a nuvem e a lagrima hesitante!

Mas nasce o Luar... e em minha fronte neva;
E volto a mim; acordo e resuscito,
Qual onda que, alta e nitida, se eleva,
Depois de se espraiar em fórmas vagas...

E vou subindo um monte que o Luar,
Como as agoas das fontes, reverdece.
E a Distancia brumosa lembra o mar
E ha paizagens de nuvens pelo céo.
E as fórmas nevoentas dos pinhaes
Resuscitam, trazendo em pleno corpo,
Os sangrentos e tragicos signaes
Da cruz, onde os pregou a noite negra!
E as sombras apparecem vagamente,
A medo, como a loira luz do dia
Que sorri nas friestas, de manhã,
E nos manda viver em alegria...
E ao longe, as fórmas lividas dos montes
Têm gestos de penumbra; e as agoas gélidas
Choram nas boccas espectraes das fontes...
E em tudo ha tristes olhos que nos fitam.

E os rouxinoes, na boa sombra amiga,
Cantam com tal loucura e enthusiasmo,
Que, por fim, cáem mortos de fadiga
Na agoa dos ribeiros que, ao senti-los
Nos seios, ainda quentes da emoção
Que a voz lhes accendeu, como apagou
A vida — ha de ter pena e maldizer
A hora em que ella, em ondas, aflorou
Ao verde olhar da terra...

Agoa infeliz,
De que te serve a ti, matar a sêde
Aos bichos? Ser tragada pela raiz
D'uma planta na febre de florir?
E que prazer te podem dar os astros
Que, de bem longe, descem ao teu peito,
Se, n'elle, o corpo vivo d'uma estrella
Um cadaver encontra já desfeito!

Agoa dos campos, dos jardins, das hortas!
Agoa baixinha, humilde, sem abysmos,
Onde cáem, no outomno, folhas mortas
E mortos rouxinoes na Primavera!

Mas tu, dôce luar das Solidões,
Resuscitas meu corpo; e ei-lo na terra
Mais vivo e unificado; e as multidões
De vidas que esta minha vida fórmam
E a Noite dispersou — vejo-as de novo
N'uma só clara vida concentradas.
E o que era multidão, confuso povo
E' um individuo só, uma só alma.
E minha consciencia se define;
Abre os olhos e vê; contempla o mundo
Externo e material, para sondar
O que ha n'elle d'espirito profundo...

E vejo-me, sósinho, n'esta terra
Que lateja e palpita n'um rumor

De seivas circulantes que, ao luar,
São abrolhar de gômo e abrir de flôr...
E as sementes occultas, genesiacas,
Como tocadas de agoa e de sol vivo,
Abrem-se como um ventre e dão á luz
Desde o tôjo rasteiro ao cedro altivo;
— Rasteiro e altivo ao nosso olhar apenas,
Pois aos olhos do Espirito uma ervinha
E um alto roble são da mesma altura...

Que distancia a do sol a uma andorinha?
D'um ramo em flôr a um nobre pensamento?
Da noite ao dia? Do sorriso á lagrima?
De uma pedrinha núa a um sentimento
Despido como a agoa e como a luz?..

E assim, sósinho, eu penso em alta voz,
N'esta certeza de que sou ouvido
Pelo mundo sombrio que me cerca
E me contempla e fala commovido...
Ah! ouço a voz de tudo quanto existe!
E nem eu faço mais que repetir,
Em fragil voz humana, pobre e triste,
O que me diz a terra, n'uma voz
Divina, de silencio e sombra etherea;
E não de som corporeo e transitorio
Que toca a face dura da Materia,
Sem deixar um vestigio de murmurio...

E as cousas me contemplam tão serenas,
Impassiveis! E existem dentro d'ellas,

Tremores, tempestades, sobresaltos,
Fundos abysmos, lucidas estrellas!
Desabamentos fragorosos! Vidas
Que se somem na Noite! Madrugadas,
D'onde se exhala a vã serenidade
Das cousas que o luar deixa concentradas
N'uma bruma de espirito e de sonho,
N'um nevoeiro espesso que deslumbra;
N'um extase gelado de cadaver,
Extase de silencio e de penumbra...

Ellas ouvem-me, sim; e quantas vezes,
Uma pedra me diz: O' meu irmão,
Tu lembras-te de mim, d'aquella vida
Que vivemos na ardente solidão
D'esses tempos genesicos, quando era
Esse teu corpo vivo, isto que sou,
Esta aspereza esteril, bruta e féra;
Esta fria dureza que se fez
Em ti, serenidade, amor, brandura?...

E sou ainda o que já fôste, poeta;
Ainda estou morta e presa á terra dura,
Onde andas, vivo e livre, á luz dos astros!

Ah! chora a minha negra escravidão!
(Dôr que sómente o Poeta comprehende)
Até que, um dia, abrandem tuas lagrimas
Este terrivel pêso que me prende
A' terra, fatalmente!

Ah! chora, chora!
Ergue-me em tuas lagrimas que vôam
Mais alto que o teu riso e a luz da aurora!
Quero ser dôr, amor e sentimento;
Quero subir em nuvem libertada;
Quero orvalhar os labios sequiosos
De Deus! Bocca febril, bocca mirrada
E com sêde de vida insaciavel!

Como a tragica sombra de Satan
Estava a Dôr tentando-a; a mesma dôr
(Alvorada da vida, ante-manhã)
Que meu corpo tentou, quando era ainda
Um lôdo escuro em fundo de lagôa;
Quando era minha alma inda rumor,
Lusco fusco de vida alvoroçando
A terra toda fogo e toda amor!
Terra acordando, emfim, d'esse marasmo
Da inerte consciencia da Materia.
E em doloroso e santo enthusiasmo,
Para si propria começou a olhar...
Tanto bateu aquelle olhar ardente
De encontro ao corpo bruto e miseravel,
Tornando-o de tal fórma transparente
Que, além d'elle, afinal, descobriu Deus!

E ouvindo a voz da Pedra, eu meditei
Na Dôr, Principio eterno, Emanação
Da sombra triste e universal de Deus,
Que sobre a fria e morta Creação,
Constantemente, eternamente atúa,

709819

Chamando o ferro, a agoa, a luz dorida;
Chamando a pedra, a terra, o limo, o fogo,
Innexoravel, fatalmente á Vida!

E ouvindo a Dôr, tudo abre uns olhos tristes;
Tudo estremece e canta e principia
A ser hostia de amor nas mãos de Deus;
Hostia que elle communga á luz do dia,
Depois de a erguer tão alto, que ella passa
As nuvens, as estrellas e as Origens,
O Destino, as miserias, a desgraça
E vae além da Vida e além da Morte!

E assim a Vida é o grande sacrificio
Que a Deus faz a sensivel Natureza,
Para que Deus exista em dôr e amor,
Em alegria lucida e tristeza;
E tenha, emfim, uma existencia clara
E viva e real e cosmica e divina,
Como o rochedo que tombando, esmaga,
Como o riso da nuvem que fulmina!

E o luar chovia, n'um rumor tão leve,
Qual tenue sombra d'aza palpitando,
Ao clarão das estrellas, sobre a neve
Que é um uar mais frio e mais intenso

Mas essa nevoa, d'onde o luar nascente
Chovia, dissipou-se; e todo o céo
Ficou limpo de luz... E novamente
Meu sêr se dispersou em fórmas vagas,
E me tornei confuso e indefinido...
E mal se distinguia d'entre os sêres
Este corpo alagado e diluido
Nas arvores, nas pedras e nas sombras...
E as montanhas, a terra, o vento norte,
Meu corpo e tudo, emfim, n'um só espirito
Fundiu-se, de tocar-lhe a chamma forte
Que sáe do incendio tragico da Noite!

Os meus olhos e uma pedra

Sombras que vejo em mim
E em tudo quanto existe.

(Do *Sempre.*)

Porque é que vós, meus olhos, de repente,
Commovidos ficaes a olhar, a olhar
Uma pedra qualquer, se toda a gente
Era incapaz de n'ella reparar?

Uma pedra céguinha, inconsciente
Que nada vê; mas vosso claro olhar
Cobre-a de tal ternura, que ella sente
Como um calor de vida a despontar...

E uma occulta visão mysteriosa
Transparece na pedra; e a luz radiosa,
Vê-a atravez d'um vago nevoeiro...

Ah, foi decerto assim que a luz dos céos,
A luz que vem do Sol e vem de Deus,
Ergueu da terra, um dia, o Sêr primeiro!

Uma arvore e o sol

Arvore minha amiga, abençoada
Alminha vegetal, com que ternura
Abres o brando seio á luz sagrada
Que, como um vento mystico, murmura.

•

Logo te viste mãe; e para a Altura
Ergueste as mãos alegre e alvoroçada.
E lembravas assim a Virgem Pura,
Ao sentir-se do Espirito pejada.

E o teu corpo, todo elle era uma flôr.
E emanações de ardente e casto amor,
Tudo, em volta de ti, embriagavam...

Mas na alegria immensa que sentias,
O' arvore feliz, nem sequer vias
A sombra que teus ramos projectavam...

Uma gotta de chuva

Uma gotta de chuva que trespassa
Os telhados e o tecto, vae tombar
No meu escuro quarto, onde esvoaça
A sombra do silencio... E fico a olhar

A chuva triste e fria na vidraça,
E minha luz, ao vento, a desmaiar...
Vento que me abre a porta quando passa
E aviva as cinzas mortas do meu lar!

E que impressão me faz aquella magoa,
Aquelle som de dôr que exhala a agoa
Que nas nuvens andou liberta e viva;

E de repente, sem saber porquê,
Ella, a innocente, a clara, assim se vê,
Na fórma d'uma lagrima captiva.

Os olhos dos animaes

Que triste o olhar do cão! Até parece
Mais um queixume, um intimo lamento
Da noite interior que lhe escurece
O coração que é todo sentimento.

Contemplae um boi: vêde o tormento
Que em seus olhos tão calmos transparece...
E os olhos da ovelhinha e os do jumento!
Que tristes! Só o vê-los entristece...

Chora em todo o crepusculo a tristeza.
E além do sêr humano, a Natureza
E' um crepusculo ainda feito de ais...

Por isso, o vosso olhar de escuridão,
E' mais lagrima ainda que visão,
O' tristes e saudosos animaes!

Uma ave e o poeta

O' espirito, ó alma, ó sempiterno amor!
Para que vives tu na fórma mentirosa?
Para que te escondeste, aroma, n'uma flôr,
Se é uma sombra, uma noite escura cada rosa?

(Do *Sempre.*)

Sobre aquelle pinheiro aureolado
De inerte e vegetal melancholia,
Um passarinho alegre e alvoroçado,
Cantou, cantou durante todo o dia...

Estive a ouvi-lo mudo e extasiado...
Mas, por fim, perguntei-lhe: Que alegria,
Se fez em ti, ó corpo acostumado
A' cruz das tuas azas de agonia?

Que signal viste tu, no céo profundo?
Que foi que aconteceu sobre este mundo?
Grande cousa de certo adivinhaste...

Ou revelou-te a Luz o seu mysterio?
E tua clara voz, n'um vôo ethereo,
Em procura do Sol, alevantaste?

E a avesinha ficou estarrecida!
A voz humana as aves apavora,
Por mais enamorada e commovida:
Ou seja voz que reza ou voz que chora.

E julgando em perigo a propria vida,
Fugiu, voou por esse espaço fóra,
Procurando, bem longe, uma guarida,
Pertinho das estrellas e da aurora.

E bem triste fiquei a meditar
Na minha voz humilde que a rezar
(Tantos crimes lhe pesam!) causa medo:

Crimes que vem das vidas que passaram;
E tão cruel e tragica a tornaram,
Que faz tremer as aves e os rochedos!

E chorei e chorei, com amargura;
E meus olhos em lagrimas partiram
D'essas azas saudosas em procura,
Que as trevas, como fogo, consumiram!

Mas na noite pesada e tão escura,
Os meus olhos tambem se diluiram...
E voando, voando para a Altura,
Além das nuvens, a avesinha viram.

E n'uma voz bem triste e piedosa,
(Que afinal a avesinha receosa,
Mais confiante ficou e sem temor)

Meus olhos lhe disseram: Vês o Homem
Que tanto crime e guerra e dôr consomem?
Tambem já n'elle, ó ave, existe o amor.

E a avesinha ficou mais confiada;
E n'um olhar tão santo me envolveu,
Que em sua dôce voz illuminada
E tão cheia de graça, respondeu:

Meu canto é luz do sol em mim filtrada;
Vou a cantar... e canta a luz do céo.
E das aves da noite a voz cerrada,
E' penumbra que n'ellas se embebeu.

Apenas sinto em mim grande alegria!
E um desejo de ser só harmonia;
Canção de luz que mundo e céos inflamma!

Ser a Esperança, o Sonho e a Anciedade;
Não ser a estrella e ser a Claridade;
Ser apenas o Amor, não ser quem ama.

Boudha

Seguia Boudha, um dia, o seu caminho,
Sob os raios do sol que o penetravam,
Quando avistou, deitado, um cão velhinho,
Com chagas, onde os vermes pullulavam.

E d'elle se abeirou; e com carinho,
Limpou-lhe as chagas pódres que cheiravam
Tão mal! livrando assim o pobresinho,
Mendigo cão dos vermes que o matavam.

E, preoccupado, continuou andando...
Mas lembrou-se dos vermes que, ficando
Sem nenhum alimento, iam morrer.

E voltou ao pé d'elles; e um pedaço
De carne alli cortára do seu braço;
E abençoando-os, deu-lhes de comer

Marco Aurelio

Um dia, Marco Aurelio a passear
Andava, em seu jardim; e meditava
No mysterio da Vida; e o seu olhar
A esphinge do Universo interrogava...

E tão immerso em sonhos elle estava,
Que trilhou, por acaso, ao passear,
Um bicho que na terra rastejava,
Sem umas azas, ai, para voar!

E Marco triste e mudo alli ficou,
(Dizem que muito tempo) e meditou
Na morte que acabára de fazer;

Na fallivel, chimerica bondade
Que mesmo em sua eterna claridade,
E' tão ceguinha e mata sem querer!

Frei João Bernardes

Pela serra de Cintra, onde murmura
A agoa, sob a verde ramaria,
(Na solidão, ausencia da creatura,
Mas presença de Deus) elle vivia

E mais uma gazella. Companhia
Amoravel e dóce! E com ternura
Compunha versos mysticos, e os lia
A's flôres, á gazella, á agoa pura.

E nos olhos da sua companheira,
O Santo via a aurora, a luz primeira
Que o mandava rezar ao Creador.

E nos olhos do Santo, ella avistava
A estrella vespertina que a mandava
A' gruta recolher, em paz e amor.

S. Francisco de Assis

S. Francisco de Assis falava outr'ora
A's aves e ás ervinhas, triste e só;
Se tudo vive e sonha e soffre e chora,
Se é tudo a mesma alma e o mesmo pó!

Por isso, elle sentia pena e dó
Por tudo quanto doira a luz da aurora,
E não bebeu no poço de Jacob
Aquella agoa de vida redemptora.

O' lobos, meus irmãos! Irmãs ervinhas!
O' pedras! Tristes agoas pobresinhas,
Creaturas do meu sangue, e sempre em guerra!

Quanto vos amo em Déus! E sinto bem
Que esta terra que eu beijo é nossa Mãe
E que a sombra de Deus anda na Terra!

De noite

Olha a chuva miudinha como cáe
Lá fóra, n'um sussurro que entristece.
E' tarde já; meus olhos descançae!
Que bem nas noites frias se adormece!

E deito-me na cama, sim; mas, ai,
Minha vidraça, aos ventos, estremece!
Vozes da escuridão, falae, falae,
Que não pode dormir quem vos conhece!

Noite povoada d'almas! Noite infinda...
O' luz á cabeceira bruxuleante!
Versos por encarnar, sem fórma ainda...

O' primeira canção no Azul sem fim!
Primeira luz, nas friestas, hesitante;
Mão que meus olhos vens fechar, emfim!

Mão que fechas meus olhos com amor,
Quando a primeira luz se vê luzir,
(Sorriso das friestas) e um rumor
De nova vida se começa a ouvir.

E meus olhos cançados vão dormir...
E em volta d'elles pairam, n'um fulgor,
As visões, os espectros e o sorrir
Esphingico da Sombra... E o sonho e a dôr

De branda aureola os cercam... Dir-se-hia
O proprio olhar as palpebras passando,
Um mundo de mysterio contemplando...

Mundo espectral de sonho e d'harmonia
Que se vê a sonhar, e aonde nos guia
Essa divina mão, n'um gesto brando.

De manhã

A's vezes, quando acordo, fico a olhar
As paredes do quarto; e extasiado,
N'ellas vejo, confusas, vaguear
Sombras que vem no brando sol doirado

Que atravez as friestas ao passar,
E ao vêr-se pelas trevas assaltado,
Perde o sangue, desmaia e faz lembrar
Por uma lança um corpo trespassado!

Ei-las que pairam na parede núa,
Onde a cal branca evoca a luz da lua;
Luz que molda em penumbra um mundo ignoto...

E tu, creatura humana, és egualmente
Visivel projecção d'um transcendente
E invisivel espirito remoto...

E uma das sombras, triste, me fitou
E disse-me: Não sabes com certeza
O corpo d'onde venho e que gerou
Esta vida de sombra e de tristeza.

Esse corpo infeliz, além, passou;
E soffre sêde e fome; e canta e reza.
Meu sêr de sua carne se exhalou
E d'ella trouxe esta mortal tristeza!

Mas este frouxo luar de tua alcova,
Lá fóra, é luz do sol, alegre e nova,
Que beijou esse corpo, a resplender...

E aquelle brando beijo illuminado
E contacto tão leve e delicado,
Foi o bastante, sim, para eu nascer!

Orféo

Divino canto as cousas commovia;
E de ternura as arvores choravam...
E era como um luar a luz do dia
E os ribeiros, extaticos, paravam.

Era Orféo que, tão pallido, descia
A's entranhas da terra! E se afundavam
Os seus olhos na noite muda e fria,
Onde as pallidas sombras vagueavam.

E Euridece, o seu morto e triste amor,
Ouvindo-o, tomou fórma e viva côr
Como quando, no mundo, Orféo a viu!...

Mas, ai, Orféo quiz vê-la! E qual neblina,
Que foge mal lhe toca a luz divina,
Outra vez sombra, Euridece fugiu!...

Ai, de quem vê o Mundo e a Creatura
Com este olhar da Carne; escuridão
Que tudo nos transtorna e desfigura;
Nem mostra o mundo e o céo como elles são!

Com este olhar que é noite, noite escura;
Apenas noite, chaos e confusão!
E nos faz vêr brutal e tôsca e dura
A sensivel e viva Creação!

O' mentirosa luz que só revelas
A face tenebrosa das estrellas
E o que é fragil nos homens e na flôr!

Candeia, onde é o azeite agoa dorida,
Não nos mostras o mundo em alma e vida,
Mas apenas em corpo, em morte e dôr.

A sombra de Jesus

Entre o sombrio e biblico arvoredo
Do Jardim, onde Christo repousava,
N'um alvorar de sonho e de segredo,
Fez-se uma luz, e no ar se alevantava...

Era mais uma nevoa que toldava
De luz o céo e a terra; e quasi a medo,
Por um milagre estranho, ella tomava
Uma alta fórma humana, entre o arvoredo.

Era Jesus. E logo Magdalena,
N'essa manhã genesica e serena,
Foi ao encontro d'elle, enlouquecida!

Mas Jesus era a Sombra, era o Fulgor;
O Espirito, a Verdade, a Dôr e o Amor:
Era vida sem corpo, era só Vida!

A sombra de Pan

Quando de todo se extinguir a Vida;
Quando as agoas gelarem, e este mundo
Rolar na immensidade escurecida,
Como um deserto funebre e infecundo;

Quando a luz, avesinha mal ferida,
Exanime caír no céo profundo...
E os corpos se fundirem na dorida,
Eterna Essencia que animára o mundo;

Quando sómente o Espirito inundar,
Como invisivel agoa, todo o ar,
Onde murchou a estrella da manhã;

Sonhando um novo genesis glorioso,
Surgirá no Infinito tenebroso,
A sombra enorme e tragica de Pan!

A Sombra da Dôr

O' Dôr, riso de Deus e pranto de Jesus!

(Do *Para a Luz*)

Quantas vezes sósinho, triste e mudo,
Percorro a Solidão (não sei porque,
As pessoas são nada e as cousas tudo)
E fico assim extatico e suspenso...
E n'este pobre coração acorda
Uma outomnal tristeza de crepusculo;
Dôce melancholia que recorda
Aquella que se espalha sobre os valles,
Em cinza de oiro e nevoa, quando o Outomno,
Onda mortal de lagrimas e sombras,
Invade a Terra, e a deixa no abandono
Da Alegria, do Sol e da Esperança.

Tragica dôr das cousas que morreu,
Vaga sombra de angustia anterior;
Espectro que anda errante pelo céo,
Nos crepusculos tristes e no Inverno...
Anda no ar dorido do Poente,

Na bruma da Distancia, e na folhagem
Que cáe dos ramos funebres, molhando
De pallidez a face da Paizagem...
E nos cantos do sapo que entristecem,
E no caír da chuva; e no sussurro
Do vento; e em nossos olhos que anoitecem,
Quando uma sombra passa deante d'elles.

O' santa Solidão! Dôce tristeza!
O' terra larga, esteril, indecisa,
Onde vemos a Deus, e nosso espirito
Sómente em nossa carne se enraiza!

O' Santa Solidão, onde nossa alma
Em suas proprias lagrimas procura
Matar a sêde ardente; e onde o Universo
Em nosso coração se transfigura!

Dôr de quem scisma pallido e sósinho...
Melancholia estranha que se abraça
E une ao meu coração, com tal carinho
Que nem um rio ao leito onde adormece!

E como vós, ó arvores, pelo outomno,
Quanta tristeza, mysteriosa, etherea,
Quantos velhos e mortos soffrimentos!
Quanta horrorosa e tragica miseria,
Que nosso antigo coração mataram,

N'essas antigas vidas já passadas,
— Surgem dentro de nós, como o murmurio
Confuso de longinquas trovoadas...

Ai, quanta baça e túrbida tristeza
Nos veste de penumbra o coração,
Quando, ceguinho e preso em nosso peito,
Vê, atravez de nós, a Solidão!

Essa tristeza é grande dôr soffrida
(Um Diluvio já quasi gotta de agoa)
Que chega junto a nós desfallecida
Da infinita distancia que ella andou...
São enormes e tragicos martyrios;
Cratéras flammejantes e sangrentas
De paixões, sobresaltos e delirios
Que em nossos corpos ancestraes soffremos!
Chamma que nos queimou; dôr abrazada
Que o Tempo diluiu, como a Distancia
Esfuma em luar, esbate em madrugada,
O teu fogo terrivel, Sol ardente!

São grandes soffrimentos d'outros tempos,
Quando eramos raiz e tronco d'arvore
E monstro horrendo e homem primitivo,
E seiva o sangue rubro e os ossos marmore!
Dôres que em nosso coração lampejam!
E ei-lo que treme; e, surprehendido, scisma
N'essas dôres longinquas que inda o beijam
Com uns labios de sombra e de phantasma!

Tristezas que se occultam no que existe
De mais confuso em nós, de mais distante!
Pois toda a dôr soffrida n'outros tempos,
Ensombra nossa carne palpitante!
Não ha dôr que se apague; nem ha voz
Que emudeça; nem lagrima que enxugue.
E o que o Homem soffreu antes de nós,
Nimba de dôr remota a nossa alma!

A lagrima primeira ainda scintilla:
E' gotta d'agoa eterna... é um mar sem fundo...
E os meus olhos inunda; e atravez d'ella
E' que eu contemplo a Vida e vejo o Mundo.
E o grito primitivo ouve-se ainda;
Como atravez um sonho nebuloso,
Repercute-se ainda em nosso sêr
Que vibra e que se torna harmonioso.
Sempre que canto e rezo, elle perturba
Minha voz que se altera... agoa de som
Deslisando revolta, escura e turva
Em meus profundos labios silenciosos...

E ha de tambem repercutir-se a nova
Dôr sem fim, na futura e grande Edade,
Para que esteja em cada sêr humano,
Sempre presente a dôr da Humanidade!
Para que estejam presos, sempre unidos
Os homens do Passado aos do Presente
Pela mesma infinita e santa dôr
Que se prolonga e cresce eternamente...

O' longinquas tristezas que subindo
Do fundo do Passado, ennevoaes
Meu coração que lembra árvor perdida
Nos crepusculos êrmos e outomnaes...
Ai, já o meu espirito toldaram
Os densos, negros fumos que subiram
Dos incendios que a Terra devoraram
Lá no seu tempo limpido de estrella!
E sinto em mim a nuvem trovejante
Que ainda hoje escurece a luz do sol;
E que, n'um dia tragico e distante,
Subiu das agoas fundas do Diluvio...

Dáe-me a visão de tudo o que passou,
Sombras da dôr passada! Allumiae-me
Esse caminho escuro que trilhou
Meu sêr desde o Principio, desde a Noite...
Allumiae-me o poço que eu cavei
Em mim proprio, cortando sem piedade,
As fórmas ancestraes por que passei
E que ficaram, sim, em carne viva!
E ha lagrimas e sombras doloridas
No fundo d'esse fundo poço humano,
A sangrar, como as furnas denegridas
Que são golpes da terra...
E lá do fundo,
Meus olhos vêm subir confusamente,
Um nevoeiro de vozes e de lagrimas,
Que se desenha, ao longe, vagamente,
N'uma floresta de almas e de corpos...

Negra floresta ondeante e caminhante
Que de mim se approxima, n'um rumor,
Gesticulando ao vento espiritual
Da Origem, vento pallido de dôr...

Sópro de luz na Nevoa e no Mysterio...
Sópro de vida organica nas agoas
Que tombaram, n'um dôce refrigerio,
Sobre o perfil da Terra todo em cinzas...
E foi depois, um temporal tremendo,
Alevantando as agoas do Diluvio;
A vida sobre os mundos accendendo
E o clarão das estrellas apagando...

E depois, feito sonho que floriu,
Sobre as agoas do mar, foi mão divina
Que em seu marmore verde, inquieto, abriu
O corpo esbelto e tremulo das ondas.

E n'uma alegre e lucida volupia,
E n'um alado gesto de ternura,
Dos corpos viridentes das florestas
Ergue e torneia seios de verdura...

E os aridos desertos faz vibrar,
Em fulvas ondas rythmicas de areia,
Que, na paz do silencio e do luar,
Têm sussurros e vozes como as agoas...
E nos lembram as ondas de harmonia

Em que se espraia um verso... em que se espraiam
A esperança, a tristeza e a alegria;
E, emfim, a Creatura, onda sagrada,
Que, ao sôpro d'esse vento, se prolonga,
Entre rochas, hostis e contrafeitas,
Em novas ondas cada vez mais nitidas,
Cada vez mais irmãs e mais perfeitas...

Mas o bosque phantastico se eleva,
E approxima de mim; e a sua sombra
Augmenta, e se confunde com a treva...

E já quasi me cerca, e me suffoca...

E eis que perco os sentidos; e me afundo
Em Nevoa e Sombra; e vagamente vejo,
Para além d'esta luz e d'este mundo,
E d'esta noite lôbrega e soturna:
Vejo uma pequenina e clara fonte
De lagrimas, nascendo, n'um murmurio
Que ennevoava de vozes o horizonte
D'esses primeiros olhos que se abriram
A' primitiva luz, que em seus delirios,
Desprendia, no espaço, as loiras tranças,
N'uma chuva de rosas e de lyrios,
Molhando de alegria o proprio mar!

E a fonte, fio de agoa, mal chegava
Das palpebras á face... E foi crescendo,
E engrossando, conforme se alongava
Esse valle de lagrimas humano...

E aquella agoa baixinha e mingoada,
E' já dôce ribeiro adolescente,
Sem trevas, sem enigmas e mysterios;
Agoa ainda donzella e transparente.

E o limpido ribeiro cresce e augmenta.
E é já rio profundo, negro pégo;
Agoa sinistra e livida que lembra
O olhar parado e extatico d'um cégo.

Agoa que sente já no coração
A dôr dos afogados! O' gelada
Agoa escura de syncope e de morte,
Em seu leito insondavel desmaiada!

Agoa que leva, em ondas referventes,
Creancinhas nos berços a boiar,
Fugindo na corrida das enchentes,
E que julgam que é mãe, inda a embalá-las!
Leva tectos de casa e troncos d'arvores,
E homens mortos e mortos animaes;
E a vermelha e fecunda flôr da terra
Que abre, á luz, em vinhedos e trigaes.
Leva tudo o que, emfim, as grandes agoas,

De seu leito sereno trasbordando,
Arrastam, n'um delirio, para o mar
Feroz, que vae os montes devorando!

E esse rio de lagrimas é já
Braço de mar barrento e denegrido...
E, cheio de cadaveres e destroços,
Perde-se, emfim, n'um tragico ruido,
N'um largo gesto de ondas e de espumas,
N'esse mar sem limites e sem fundo
Das lagrimas de dôr que, desde a Origem,
Os homens têm chorado sobre o Mundo.

E vi a clara fonte pequenina,
Pouco a pouco, mudar-se em oceano;
E o phantasma de nevoa que avoeja
Ao longo d'esse fundo rio humano...

O' rio humano ancioso, insatisfeito,
Que desejas mudar teu leito gélido,
De seixos e de areia, n'outro leito
De virgens nebulosas e de estrellas!

E perdi-me na Nevoa que envolveu
Meu coração; e n'ella me afundei...
E já não via a terra nem o céo;
Mas pude vêr confusa e vagamente:

Nostalgias de nomadas perdidos
Em selvaticos bosques; sobresaltos!
Férreo ruido de armas e alaridos
De tribus acompanhadas, alta noite,
Em territorio hostil...
Religioso
Medo das trovoadas e relampagos
Que se gravam, a fogo, no brumoso
Marmore azul raiado de vermelho!
Onde nuvens pesadas se alevantam,
Como sombrias rochas de granito
Que, na Distancia livida, parecem
As columnas ondeantes do Infinito!

O' deus incendiando os horizontes!
Deus abrazado em raivas destruidoras,
As arvores rasgando de alto a baixo,
Como se acaso fôssem peccadoras!

Pallidez do Luar nos arvoredos,
Povoados de espiritos maleficos;
De sombras, de phantasmas e segredos,
Derramando um terror secreto e vago...

O' silencio da Noite! O' paz da Terra!

—Silencio creador de estranhas vozes
De terriveis e occultas divindades!
—Paz creadora das luctas mais ferozes,

Travadas entre sombras e phantasmas!
E ha rugidos de raiva, e convulsões
De agonia, nas trevas que sepultam
Sombras mortas e pallidas visões!

Terror das Pythonisas, em delirio,
Sobre os tumulos brancos que desmaiam
A ondulação fluidica da noite...
E seus olhos propheticos se espraiam
Em luminosidades que alvorecem,
E se embebem n'um morto e lhe dão vida;
E animam as estatuas, e endurecem
Os suspiros, as lagrimas e os ais!

Terror de Jéovah, quando o deserto,
Em turbilhões de poeira esvoaçando,
Envolve as longas, êrmas caravanas...
Poeira que sobe, em fogo architectando
As nuvens trovejantes e abrazadas,
Que pairam sobre as fragas do Sinai,
Onde o estrondo das fortes trovoadas,
E' a voz de Deus prégando, accêso em ira!

Sacro terror do Augure, contemplando
O incerto vôo das aves que descreve
Enigmas e mysterios no ar extatico...

Chovem sombra e silencio sobre a neve...

Terror dos sonhos maus e pesadéllos
Que, sendo fumo, nuvem e illusão,
Nos pesam sobre o peito que se opprime,
Até que nos esmaga o coração!

Medo entranhado em nós! Medo ancestral
A qualquer sombra humana inesperada!
E mesmo á branda sombra vegetal
Que tem seu fructo e flór; seu tronco verde...

Negro terror de invocações nocturnas
Aos deuses infernaes! O' castidade
E branca luz de Diana que no Inferno,
E' temivel e horrenda divindade!

Terror da mulher grávida a gritar,
Trez vezes, por Hecate, á meia noite!
Santo terror do ventre que vae dar
A' luz, em nova Fórma, um novo Espirito!

Terror da Nubelosa que se sente
Já grávida de Deus! Terror divino!
Terror materno e fundo da semente
Que se entreabre, e cresce, e vae ser arvore!
Já seu caule futuro ella adivinha;
Seu alto tronco e ramos verdejantes...
E o nevoeiro de aves que, á tardinha,
A embriagará de cantos e de vôos!

Santo terror de Mãe que soffre e chora
Por um filhinho que, em seu ventre, é ainda
Um nada, um fumo, a aurora d'uma aurora!
E já por esse nada o que ella soffre!

Terror da Creatura ante o mysterio
Que a torna Creadora!

O' medo á Noite,
E ao Luar a caír n'um cemiterio,
Onde ha resurreições desconhecidas!

O' medo dos meus olhos que já vistes
Fundos ribeiros onde as Bruxas riem,
Patujando na agoa!
O' Bruxas tristes,
O' Nymphas fulminadas e maleficas!
Formosa, humilde e pallida donzella,
Toda vestida de roupagens brancas,
Que, á meia noite, surges, qual estrella,
Em certa encruzilhada êrma e sombria...
E quem por alli passa, algum viandante,
Julga-te extraviada, e te sorri
E deseja falar... mas, n'um instante,
Em grande vento, o levas pelos ares!

O' ninhada de porcos que uma cabra
De noite, em sitio êrmo, anda a guardar!
E um vento de arripio e sobresalto

Sopra; e parece vento a luz do luar...
E na visão phantastica e macabra,
Nossos cabellos hirtos se arripiam,
Quando tu, n'um estrondo, ó negra cabra,
Foges, deitando lume pelos olhos!

E um cheiro acre de enxofre, pela afflicta
Sombra do ar, se espalha, emquanto a Noite,
Com as Dôres do parto, geme e grita,
Ao dar á luz Visões e Apparições!

O' procissões que os mortos, nas Egrejas,
Fazem, de noite! E levam êrmas luzes,
Em seus hombros de nevoa supportando
Andores de penumbra, e altas cruzes
De fumo, e um Pallio aberto de illusão...

E ha nevoeiros de incenso no ar calado,
Toldando um Christo livido e phantastico,
N'uma cruz espectral crucificado!

O' cruz feita de treva, onde agonisa
Um Christo, sob os olhos lacrimosos
Da Noite, Virgem Mãe, toda de luto!
O' grande Sombra martyr! O' brumosos
Olhos postos no céo! O' corpo exangue,
Corpo de nuvem, torturado e afflicto!
Pés de penumbra em sangue! O' mãos em sangue!
O' Redemptor estranho do Crespusculo!

O' invisiveis mãos feitas de neve,
Que nos pousaes na face! O' Solidão!
Luzes mysteriosas entre as arvores,
Fôrmas brancas que andaes na escuridão!
Passos nos longos, êrmos corredores...
Luzes da Noite e vozes do Silencio...
O' aflorar dos gélidos suores!
O' Panico em orvalho! O' Medo em lagrimas!

Vozearia do Vento! Êrmos ruidos
Que a face do Silencio golpeaes...
E em desalinho pondes seu cabello,
E seus olhos de sombra ennevoaes...

O' chuva triste e miuda! O' raios liquidos
Do mar, sol de agoa enorme!
O' triste vento,
Preso das nuvens, arvores, de tudo,
Como um limpido e santo Pensamento!
E gottas de silencio e de penumbra,
Vão nossas fórmas vivas diluindo
Em materia invisivel que se alumbra
E incendeia depois em claro espirito!

O' medo ás almas do Outro Mundo! O' medo,
O' panico gelado, ó medo agreste!
Como ainda meu corpo sobresaltas,
Se te bebi no leite e, se vieste

No sangue que percorre as minhas veias,
Com velhos soffrimentos já passados;
Com o terror dos naufragos, e assim
De emparedados, martyres, condemnados!

— Sangue feito de brumas e distancias,
De trevas, e de luz, e de incertezas!
— Leite divino e magico onde dormem
Martyrios, anciedades e tristezas!
Sacros, fundos terrores religiosos,
Visões do negro Inferno e céo ethéreo!
E o terror abysmatico e sublime,
Sagrado e sempiterno do Mysterio!

O' nevoeiro de dôres já soffridas,
Sobes do mais profundo do meu sêr,
E perturbas minha alma que se vê
Declinar como um sol, e anoitecer...
Sentindo-se mais forte e solidaria
Com toda, toda a humana multidão
Que antes de mim viveu, e que é tão grande!
E cabe dentro em ti, meu coração!

O' justiça da Dôr! O' dôr activa!
Estranha Redempção! Mysterio! O' dôr
Que vaes ligar a minha carne viva
Aos esqueletos, tragicos, desfeitos!
E prendes os meus olhos palpitantes
Ao pó dos olhos mortos, cinza escura,
Por um fio de lagrimas sem fim!

E has de unir a primeira creatura
Ao derradeiro sêr, ó Dôr perpetua!
A derradeira luz á luz primeira;
Ao primitivo amor o ultimo amor,
E a primeira esperança á derradeira!

Apparição

Apparição é luz inesperada
Que, em nós, se faz mysteriosamente;
Interior e mystica alvorada

Que trespassando os olhos, de repente,
Se reflecte na terra e mais no céo,
E nas fontes que choram como a gente...

Por isso, a claridade que nasceu
Dentro de nós, se torna exterior,
E parece caír do azul do céo.

E todavia, vem do nosso amor
Que, ante nós, por milagre, se condensa
Em corpo, e fórma viva, e viva côr.

Ah, tudo o que se sonha e que se pensa;
Todo o nevoeiro d'alma que anda errante
Em nossa funda solidão immensa;

Todo o espirito ethereo e penetrante
Em que envolvemos tudo quanto amamos,
Sobre este mundo fragil e inconstante;

E tudo o que soffremos e odiamos;
Toda a bruma de sonho e de belleza
Que nós, agoa sensivel, exhalamos;

Toda a lucida fé, baça incerteza;
Lagrima que é, n'uns olhos, alegria:
Riso que, á flôr d'uns labios, é tristeza;

A Essencia que d'um corpo se irradia;
Emanação de Deus que se alevanta
Como a nevoa d'um valle, ao fim do dia;

Aureola espiritual e sacrosanta,
Fundo de luz divina onde apparece
Todo o perfil, ou d'arvore ou de Santa;

O que de sonho e nuvem transparece
Atravez nossa carne dolorida,
De noite, em sitios êrmos, nos empece!

E o que é nitida luz e clara vida,
Que panico nos faz, e que pavor!
E' sombra para nós desconhecida...

E' livido phantasma o nosso amor
Que, ao irmos atravez da Solidão,
Passa por nós, na noite negra, horror!

A lagrima que sáe d'um coração
Evapora-se; é branco nevoeiro,
E' sudario, phantasma, apparição!

E' tudo apparição, desde o primeiro
Homem que viu a Luz extasiado,
A' estrella do pastor sobre um outeiro!

Todo o corpo é phantasma que, ao sol nado,
Toma aspectos de clara realidade
Ao nosso louco olhar allucinado!

A creadora e santa Claridade,
Todo o espirito envolve em fórmas puras;
E eis arvore e rochedo o que é saudade...

E tu, sussurro estranho que murmuras,
E deslisas na noite; e vaes correndo
Atravez de invisiveis espessuras,

Mal a luz principia amanhecendo,
Es ave ou folha ou ramo ou vento ou fonte;
Ás fórma que se esboça, e vae crescendo...

E quando o Sol acima do horizonte,
Tem a maxima força de illusão,
E brilha a prumo sobre a minha fronte,

Parece erguer do Nada a Creação.
E mar e serra, e rochas e arvoredos,
E' tudo mysteriosa apparição!

E eu mesmo, para mim, tantos segredos
Encerro, que meu corpo aos olhos meus
E' como, á noite, a fórma dos rochedos;

E' como, á noite, as nuvens pelos céos!
E' phantasma e penumbra e fumo errante,
Manchando a face limpida de Deus!

Ah! todo o corpo é tremulo, hesitante!
E tudo quanto amamos e abraçamos,
Sempre de nossos braços bem distante!

Desde a tenrinha face que adoramos
A' definhada mão que, de joelhos,
A ultima vez, em lagrimas, beijámos;

Moças estrellas, frios mundos velhos,
O mar, a terra, os claros orientes;
Incendios da manhã, poentes vermelhos,

Só em vagas imagens transcendentes,
Illusorias talvez, e que, em segredo,
Em nós se infiltram pallidas, trementes;

Só em fórma de nevoa, um arvoredo
Nosso espirito alcança; e assim qualquer
Cousa ou Creatura; ou homem ou rochedo.

Ah! só assim os poderemos vêr!
E não directamente, rosto a rosto;
Por isso, o que nos mostra o sol a arder,

Nos deixa na alma um intimo desgosto;
Uma duvida escura, uma incerteza
Que envolve o mundo, ás horas do sol posto!

D'onde vem, coração, essa tristeza?
Porque estranhas assim o natural,
Tu que és, como uma flôr, da Natureza?

Porque geraste a Creação ideal;
E foste além de ti, e te excedeste;
E um novo mundo sobrenatural,

O' Creador sublime, concebeste!
Com a triste materia d'este mundo,
Ergueste um mundo limpido e celeste!

Perfeito e vivo e sempiterno mundo!
De vivas creaturas povoado,
E onde não cáe um corpo moribundo.

Não é de terra e pedra edificado;
Nem é seu infinito Firmamento
De sanguinarios astros constellado!

E' só luz de Alma; é só Deslumbramento;
Beatitude e Graça e ethereo Alvór...
Mundo que fez o nosso Pensamento,
Para n'elle vivermos em amor.

A Sombra do Amor

N'um val tão êrmo e só,
Que dir-se-hia que o Silencio alli nasceu,
E a Solidão, sua velhinha avó,
E a Distancia que tudo em sombras envolveu...

(Do *Sempre.*)

Na minha terra existe um desolado
Logar, e d'uma tal tristeza humana,
Que parece lembrar-se do Passado;
D'esses tempos remotos em que foi,
(Quem sabe?) carne viva e sangue vivo,
E martyr coração e olhar em lagrimas!
E inda invoca seu tempo primitivo;
O que amou, o que viu, o que soffreu...

E n'este sitio triste, ouve-se, á noite,
Uma voz que se queixa; voz dorida
De alguem que tanto amou, que nem a morte,
A propria morte o libertou da vida!
Voz de alguem que morreu, quando inda amava;
Voz de saudosa e mystica donzella,
Que anda a pairar na cerração da Noite,

Como um canto perdido ou luz de estrella!
Voz de cinza e penumbra, voz dormente...
Espectro de donzella enamorado
Que nas noites de lua, vagamente,
Surges da sombra pallida das arvores...
E trazes o cabello em desalinho...
E dir-se-ha que tua voz é o luar,
Tão brando o teu queixume, e tão mansinho
Illumina as folhagens de tristeza...

Mas nas noites de vento e de demencia,
Quando saudade rustica te rasga
As entranhas de sombra e de apparencia,
Gritas, e o vento é tua propria voz!
E a chuva tuas lagrimas, e a treva
E' teu amor que os ares escurece,
Depois de denegrir teu coração
Que, mesmo em cinza e pó, inda estremece!
E de fechar teus olhos, e gelar
Os teus labios n'um beijo que não déste!
Beijo que anda, em teus labios, a chorar
Sua esterilidade e triste sorte!

O' mystico Phantasma! O' Sombra etherea,
Inexoravelmente presa ao mundo,
A esta dôr, esta vida, esta miseria,
—Que me importa que sejas nevoa ou fumo,
Se é mais sensivel, sim, tua poeira
Que minha carne viva e dolorosa;
Se tua dôr é, talvez, mais verdadeira,
E mais sem fim que minha propria dôr!

Sou corpo, e tu és sombra. E meus ouvidos
Ai, comprehendem bem as tuas queixas
Pelas noites de lua... e os teus gemidos
Pelas noites de frio e vento e chuva!

E sob o céo chimerico e nocturno,
Tu não me fazes medo, como áquelles
Que fogem d'esse sitio êrmo e soturno,
Onde anda a tua voz a lastimar-se...
A tua voz apenas, pois teu corpo
E' um ar quasi invisivel... E beijar-te
Seria dar um beijo n'uma nuvem,
E abraçar uma sombra o abraçar-te!

Mas esse ar de tal fórma me deslumbra
E em mim se infiltra, que todo eu me sinto
Já tão cheio d'esse ar, d'essa penumbra,
Que me afundo e dilúo n'um nevoeiro;
N'uma tal cerração, tal noite negra,
Feita de auroras mortas, mortos dias,
—Que até nem sei onde meu sêr acaba,
E onde é que tu, Phantasma, principias!

Este espirito triste que em mim chora,
Será tua êrma sombra, por ventura?
Qual a barreira ideal que me separa
De ti? Quem sabe lá? O' noite escura!
Onde a raiz acaba, principia
A terra; e assim onde termina um ramo

O céo azul começa e a luz do dia;
Arvore, céo e terra se confundem.
Em raiz escura se prolonga a terra
E em verde ramo o céo se continúa:
Um valle vae subindo e, emfim, é serra!
A fonte vae chorando e, emfim, é mar!

Tambem tu és, ó pobre sombra triste,
O meu principio ignoto e ignoto fim;
Pois se meu corpo no teu corpo existe,
Vive, em meu sêr, teu pallido crepusculo!

E que medo tu causas aos nocturnos,
E tristes viandantes que te vêm,
Pelas noites de lua, em sitio êrmo!
E na terra sósinha, sem ninguem,
E na noite que sonha e romureja,
Seus cabellos erriçam-se! e n'um impeto,
Fogem, gritando por alguem que seja,
Como elles, d'esta vida e d'este mundo!

Loucas gentes que não comprehendeis
O que ha em vós d'aquella morte! E assim,
(O' cegueira infinita!) não sabeis
O que ha n'ella tambem de vossa vida!
Por isso, tendes medo; e eu não, eu não!
E sinto errar em mim aquelle espectro,
N'esta profunda e viva solidão,
Como sangue invisivel que sustenta
Meu coração que bate anciosamente!

E vejo bem quanto ha de minha carne
N'essa poeira; e de meu sangue ardente
N'esse corpo de nevoa e de crepusculo!

Aurea e dôce manhã de pura Essencia!
Fórma cortada em noite; e coração
Aberto em luz.
O' corpo de apparencia,
E espirito de clara realidade!
Surge-me rosto a rosto, entre o arvoredo
Que medita ao luar, e nos traduz
Uma saudade, um intimo segredo,
Um vago anciar crepuscular da terra!

Apparece-me a mim; nada receies;
Pois se me sinto irmão dos que são vivos,
Tambem me sinto irmão dos que morreram,
Das pedras e dos montes pensativos.

Embora eu seja ainda d'este amor;
Meus olhos d'esta luz; e meus ouvidos
D'este som; e minha alma d'esta dôr;
E embora a carne viva cubra ainda
Meu esqueleto tragico e funéreo,
— Sinto-me quasi independente e livre
D'esse pêso carnal que um cemiterio
Muda em levesa candida de nuvem!

Eis a razão porque a caveira ri,
Já livre d'essa tetrica espessura

Que dolorosamente a suffocava,
Com suas mãos crueis de noite escura!
E lhe estorvava essa intima tendencia,
Funda tendencia essencial, herdada,
Para o marmore pacifico que lembra
A Beatitude em pedra eternisada!

—

Sempre que eu ande n'esse sitio só,
Onde ha pinheiros tristes e uma ervinha,
Tão rasteira e amarella, que faz dó
Vê-la assim com os labios abrazados
E o coração ao pé, n'um latejar
E n'um anciar febril que não descança,
Sob um azul de fogo, sem ao menos
Uma nuvem — essa agoa inda esperança!
Quando eu andar por esse sitio êrmo,
Onde é sempre noitinha e frio outomno,
E onde ha um luar magoado e um ar enfermo,
O' Sombra branca e mystica, apparece-me!

Vago perfil de lagrima e luar!
O' penumbra de luz e commoção!
O' voz d'uns labios desprendida! Olhar
Sem olhos que o limitem e anoiteçam!
O' ouvir sem ouvidos! Noite accêsa!
Fórma livre de corpo transitorio,
Mas presa ainda, fatalmente presa
Ao amor, á saudade e á propria vida!

Minha irmã pela Sombra e pela Nevoa,
Ah! como sinto e chóro a tua sorte!
Se tu és meu amor, minha saudade:
Ante visão espiritual da morte!

Lyrio espectral que em sombras se desfolha,
De que te serve amar! Olha teus labios;
São luz crepuscular. Teus braços olha;
São fumo. E que é teu corpo! E' sombra e nevoa!

Mas o Desejo humano é imponderavel
Chamma viva que nunca se apagou!
Arde mesmo depois de caír em cinzas,
O tronco que, n'um lar, a irradiou.

E por isso o Desejo te incendeia
O rosto de penumbra; como abraza
Teu seio em ondas que, ao luar, ondeia,
E teus olhos extaticos de sombra!

E na mudez chimerica da Lua,
No silencio da Terra e do Infinito,
Eternamente se ha de ouvir a tua
Estranha voz chorar e lastimar-se!
Voz diluida já na voz das cousas!
Voz feita vento, e nuvem, e lampejo
De sol! Eterna voz do eterno Amor;
Voz das Agoas, do Fogo e do Desejo!

O' Essencia de tudo quanto existe!
Por ti, cantam as aves, e a manhã
Injecta sangue virginal na Terra!

Por ti, nasceu Jesus, Orféo e Pan!

Por ti, brame o leão e ruge o tigre!

Por ti, chora o luar, e brilha o raio!
E brigando nos campos, mugem touros,
Sob o sol genesiaco de Maio!
E tudo vive, e acorda do marasmo
Da originaria inercia imperturbavel!
E de cantar com tanto enthusiasmo,
Cáem mortos, na agoa, os rouxinoes!

Por ti, o pollen desce alegremente
Aos calices extaticos e abertos,
Que recebem o germen transcendente
D'uma adoravel multidão de flôres!

Por ti, o mar delira, e a fonte chora!

Por ti, se torna nuvem a agoa clara;
E o orvalho os seios abre á luz da aurora,
Estonteado de bruma e de volupia!

Por ti, ha cousas altas, invisiveis...

Por ti, as aves fazem os seus ninhos
Em ramos que, por mais inaccessiveis,
São para vós, ó aves, sempre baixos!

Por ti, Desejo, os seios da Mulher
(Fontes de vida e amor, sagradas fontes)
Se dilatam, e crescem, e arredondam,
Como o corpo das ondas e o dos montes!

Por ti, os môchos piam; e ao luar frio,
No céo marmoreo, esculpem vôos sinistros...
E o sapo, nos crepusculos do Estio,
Cantando, evoca o Pallido, o Remoto...

Por ti, Desejo puro e sublimado,
O sol pagão entristeceu, tornando-se
Frouxa luz macerada, alvor magoado
Que é hoje um luar de nuvens e de lagrimas...

Por ti, Apollo é um deus já quasi mystico...
Luz de joelhos; sol rezando absorto.
E o grande Pan se coroou de espinhos
E chorou sangue e lagrimas n'um Horto!

E Venus Dolorosa, Mãe das Dôres,
D'um negro véo cobriu a branca face!

O' Venus da Afflicção e dos Amores,
O' Venus da Tristeza e da Alegria!

E seus olhos de sol, ei-los que choram!
Vêde-lhe o branco seio trespassado
Por sete espadas, que primeiro foram
Sete raios da estrella da manhã!

Por ti, Desejo mystico, deixaram
Lagos, fontes e sacros arvoredos
As Nymphas que este mundo povoaram,
N'essa longinqua e santa Edade de Oiro!

Por ti, escreve o Poeta e o Santo reza...
E a Sybila delira em negros antros!

Por ti, na Hespanha, foi Santa Thereza,
Em teus olhos, ó terra, olhar celeste!

Por ti, Desejo, o sol é resplendente;
E o mar é verde, e claras as estrellas...
E em volta d'uma estrella anciosamente,
Vertiginosamente a Terra gira!

Por ti faz sol, e chove, e venta, e neva!

Por ti, existe a Côr, a Fórma, a Luz
E o Invisivel, o Incolor, a Treva:

Por ti, voltam ao mundo os proprios mortos!

A sombra do que fui

Quando sáio, de noite, e vou sósinho
Entre o arvoredo, pallido, a tremer,
Para afastar as sombras do caminho,
Levo, nas minhas mãos, um facho a arder!

E a Noite, em sobresalto, vae andando,
Deante de mim, tão triste de figura!
Emquanto minha luz vae debuxando
Fórmas e côres na Distancia escura...

E as cousas que me cercam, vagamente,
Nascem além, da Sombra, ennevoadas,
Como se, por encanto, as visse a gente
Na materia dos sonhos esboçadas.

Nas margens do caminho, êrmos pinheiros
Erguem-se estremunhados e embebidos
Em vagas anciedades... nevoeiros
Que perturbam seus intimos sentidos...

E ao vento gesticulam... Vê-se bem
Que desejam falar! O' voz infinda,
O' voz ignota, estranha que ninguem,
Ou Adivinho ou Bruxo, ouviu ainda!

E fico, attento e pallido, a escutar,
Na noite que meu facho torna inquieta...
E a sombra d'uma voz anda no ar,
E em meus tristes ouvidos se projecta...

Alta e longinqua voz harmoniosa,
Nevoeiro de som; voz d'outras eras;
Confusa e estranha voz mysteriosa,
Como o canto remoto das Espheras,

Voz que outr'ora em meus labios scintillou,
Quando era terra funda ou tronco escuro
Este corpo que a Dôr humanisou,
Como a enxada suavisa o saibro duro.

E fico entrelembrado do que fui,
Ouvindo aquella voz. E fico triste...
E á superficie do sêr affiue
Tudo o que, em mim, de mais longinquo existe...

E este meu sêr presente, actual e vivo,
Na sombra d'essa voz se diluiu . . .
Minha carne fez-se humus primitivo,
Meu tragico esqueleto empederniu!

Meu sangue de tragedia ardente e rubro,
Mudou-se em clara seiva virginal;
E minha dôr se fez tarde de outubro,
E o meu sonho infinito nevoa astral.

Meus olhos se fecharam; e abriram
Depois, a um novo mundo interior,
Onde os sêres e as cousas se fundiram
Em espirito apenas, e em amor!

E a Distancia, que lembra ethereo marmore,
Onde todas as fórmas vão gravar-se,
Ou de homem ou de rocha ou tronco de arvore,
Era um nevoeiro de alma a alevantar-se...

Uma ascenção chimerica, infinita;
Um fumo de anciedade e de tristeza,
De sonho e de ternura e dôr bemdita,
Que exhala eternamente a Natureza!

Vae-se perdendo em alma a Creação.
Um sonho é sangue a arder que se evapora;
N'um gemido vae terra, escuridão
E perfume de flôr e luz da aurora.

Desde um incendio á nevoa aureolada,
Desde as ondas do mar á luz dorida:
Tudo vae n'uma lagrima sagrada,
N'uma palavra terna e commovida.

Um ai, um grito, um riso, uma saudade,
O canto genial do rouxinol;
Um extase, um enlevo, a piedade,
E' tudo feito de agoa e terra e sol.

Como as ondas do mar nos altoscéos,
Toda a fórma se perde em nevoa etherea!
E assim attinge o coração de Deus
Nossa esperança, amor, dôr e miseria!

Toda a materia tragica, imperfeita
Que existe e soffre e vive, por encanto,
Faz-se espirito eterno, alma perfeita,
Na fronte humilde e virginal do Santo.

De seus olhos bemditos elevando-se;
Subindo em sua voz que Deus escuta,
Assim da lei da morte libertando-se
Vae a materia triste e céga e bruta!

Vae subindo, subindo, radiosa
N'um vôo sagrado, eterno, que deslumbra
O Vidente, a Sybilla esplendorosa
E o poeta humilde e obscuro da Penumbra.

Assim sonhei na noite ondeante e escura;
Noite de extase, enigma e exaltação!
E o vento, em sua histerica loucura,
Descia, e enraizava-se no chão...

E um tronco de poeira e de folhagem
Turbilhonando, erguia-se no ar...
E os seus ramos cobriam a Paizagem,
N'um febril e constante bracejar!

E o facho a arder as trevas assustava!
E com suas mãos de espectro, o doido vento
Arrebatá-lo ás minhas mãos tentava,
Mas elle ardia tragico e sangrento!

Na noite negra ardia! E os pinheiraes,
N'um nevoeiro pallido de magoas,
Erguiam-se sinistros e espectraes,
E tão cheios de vozes como as agoas!

Além Mundo

De que é feita a Paizagem que avistamos
Em sonhos?
De que é feito o nosso olhar?
E a imagem que nas agoas projectamos,
Onde vae nossa dôr, nossa alegria?

E a luz que ri? E a noite a lastimar-se?
E a pobre sombra humana que parece
De nosso fragil corpo derramar-se,
Mas que dimana, sim, do nosso espirito?

E as saudades e as dôres que soffremos?
E a Voz e o Som? E os olhos que nos fitam,
Embora mortos já, quando descemos
A esse mundo phantastico dos Sonhos?

O' passagem terrivel e abysmal!
Momento extraordinario, quando ainda
Temos um pé no mundo material,
E o outro já no mundo dos Espiritos!

Hora de transição mysteriosa,
Quando a funda visão interior
Se accende, mas ainda duvidosa;
Ainda entre este mundo e esse além-mundo,
Sem poder dominar completamente
Nossa visão externa e cega e triste...

E assim, emquanto eu vejo vagamente
Meu quarto, a minha mesa de trabalho,
Avisto, ao mesmo tempo, esses primeiros
Contornos do Além Mundo, que se esboçam
Em pallidos, remotos nevoeiros,
Em confusas distancias de crepusculo...

De que é feito esse mundo extraordinario?
De que materia fluidica, impalpavel,
São esses arvoredos, claras fontes
Que deitam agoa etherea, imponderavel,
E animicas frescuras, e subtís
Nevoas de sonho e dôr?
De que são feitos
Esses corpos e mysticos perfis
Que meus olhos fechados sabem vêr?

O' terra que avistamos a sonhar!
Lua, que em montes pallidos, se alumbra!
Altas ondas de fumo que se espraiam
Em areaes longinquos de penumbra!

O' arvoredos vagos e ondeantes,
Que, em nossos sonhos, surgem, como espectros
De fórmas diluidas e distantes,
Deixando um rastro trémulo de sombra!

O' rios de crepusculo, somnambulos,
Que, intangiveis e ethereos, deslisaes,
Entre filas de lividos salgueiros
Que uma nevoa suffoca e orvalha de ais!

Fumo vago a elevar-se em altos caules,
E a dividir-se em ramos e folhagem...
O' sonho a desdobrar-se em horizontes
E contornos nevoentos de paizagem!

O' rochedos chimericos de fumo!
O' castellos de nuvens, ao luar,
Onde trepam, balindo, cordeirinhos
Que anda um saudoso Espirito a guardar!

O' agoa fresca e clara que murmuras
Em meus valles de sonho! Intima fonte
A regar nossas fundas espessuras
Que se alegram; e, alegres, reverdecem...

Aves do céo que a gente vê, sonhando!
Azas ethereas feitas só de vôos!
O' corpos de anciedades, palpitando

N'um crepusculo triste, onde sussurra
Êrmo vento espectral de sonho e nevoa,
Que em nosso corpo vivo se insinúa,
Trazendo, em suas azas, mortas flôres
E claridades lividas de lua...

Sol que o mundo dos sonhos allumia!
O' luz crepuscular e nevoenta!
O' luz de encantamento e de magia,
Alta e longinqua luz a resplender
Sobre escuras paizagens espectraes;
Montes de nevoa e valles de penumbra,
Onde as cousas e os sêres não são mais
Que brandas fórmas de luar remoto...

Mundo feito de sombra e claridade,
Por onde ando de noite e até de dia!
O' meu Refugio e dôce Soledade,
Minha Torre de bruma e de silencio!

Como eu vos amo, estranhas Creaturas
Que esse mundo habitaes! O' passarinhos
Que sois nevoas, voando... Arvores tristes
Já mortas, e já mortos cordeirinhos!
E meus avós, e meu irmão! e quantas
Fórmas vivas e amadas, que esse andar
Do Tempo consumiu, pulverisou,
Assim como consome o nosso olhar

O contacto fatal e permanente
Das imagens que as cousas irradiam;
E como gasta as rochas o absorvente,
Longo bater das ondas incançaveis!

O' minha santa Avó, que vens d'além
D'este mundo de morte, visitar
A terra dos meus sonhos, — vejo bem
Que teu corpo divino é simplesmente
Uma nevoa, uma aureola esplendorosa
Que me contempla e fala...
Quantas vezes,
No silencio da noite religiosa,
Os meus labios procuram suas mãos
Para as beijar... mas, ai, logo se afastam,
Como réstea de sol ao declinar...
E na tristeza pallida da ausencia,
Meu triste coração fica a chorar...

Rosto amado que tanto me enterneces!
Rosto de nevoa, espirito e crepusculo,
Porque será que ao vêr-te, me pareces
Mais alegre e mais vivo do que em vida?
Em que nova materia te encarnaste?
Tu, que morreste tremula e velhinha,
Como flôr que se inclina sobre a haste,
Appareces-me agora linda e nova!
E que serenidade tens no rosto!
Que expressão de ternura e de bondade,
Quando, em sonhos, me falas e abençôas
E foges n'uma branda claridade!

O' rosto claro, eterno, emarchecivel,
Tão nitido e tão vivo! e ao mesmo tempo
Tão longinquo, e chimerico e intangivel,
Como a sombra do ar sobre este mundo!

E eis meu Irmão que surge; e ao lado d'elle,
Tudo o que amei, e a morte foi levando...
Ouço-lhe os passos leves, como os passos
D'uma sombra que foge...
E vae andando
Atravez d'uma terra que se alumbra,
Onde é nevoeiro a agoa, e fumo as arvores...
E as estrellas são gottas de penumbra
Em altas radiações de Pallidez...
E as flôres são perfumes; e os rochedos
Um peso de nevoeiro... E um vento forte
Perturba um largo e escuro céo phantastico,
Para onde tudo vae depois da morte...

Mas ha momentos, sim, em que esse mundo
Adquire a nitidez e a realidade
Da lagrima, das pedras e do fogo!

E ei-lo que surge á luz da Eternidade...
E o vêmos com os olhos, e o tocamos
Com os dedos de nosso corpo astral
Que, no instante profundo, em que sonhamos,
Toma relevo e fórma...
E' o corpo ethereo
Que nosso corpo bruto e ponderavel,

Soffrendo, desejando, estremecendo,
Irradia no espaço imperturbavel,
Onde o mundo dos Sonhos vôa e erra...

E então as Creaturas que o habitam
São vivas como vós... E a luz do dia
E' mais clara que o dia d'este mundo,
Mais feita de esperança e de alegria.
E as côres são mais nitidas ainda
Que o vermelho da rosa...
E o Firmamento
E tudo, é mais visivel que o perfil
D'uma arvore ou rochedo, quando o vento,
Atravez das planicies e dos montes,
Os ares purifica, colorindo
E retocando os êrmos horizontes
Que as distancias brumosas enodôam...

Ah! n'essa hora de Sonho e de Visão,
Sentimos que habitamos outro mundo
Que, para além da noite e solidão
Da terra, paira em céos espirituaes..
E que além d'esta carne contingente
Que nos cobre estes ossos de miseria,
Outra existe mais alta e transcendente,
Para onde fôge e emigra o nosso espirito...

Esta vida é mais ampla do que a vida
Que julgamos viver! E este Universo

Não é mais do que um ponto de partida,
Um material crepusculo do Espirito.
Sômos fontes de vida, e nada mais!
Sômos o Fumo, a Nebulosa, a Origem;
Uma arvore que dá seus fructos d'alma,
Sendo a materia, as trevas, a vertigem!
Sômos sómente a neve, e não o Frio;
Sômos o fogo, e não a Claridade.
Sômos onda do mar que se desfaz
Em nevoa de Infinito e Eternidade...

Mas, ai, não sômos, não, esse Infinito
Nem essa Eternidade!
Assim a flôr
Jámais poderá ser o seu perfume,
E o coração jámais será o Amor!

Mas todavia, em limpida visão
Interna, nós pudemos alcançar
O Espirito; e assim a terra fertil
Vê, dentro em si, o trigo a germinar...
E na Contemplação Espiritual,
N'essa Fonte de Vida, os homens bebem
Agoa de sonho e amor, agoa lustral,
Agoa de vida eterna e redemptora!

Ai, do que pensa que o Universo é apenas
O espaço que se abrange com os olhos!
Ai, das dôres, das lagrimas, das penas
Que não vêm o que ha n'ellas de alegria!

Ai, da flôr que se vê, gélida e núa,
Nas petalas findar! e não entende
Que vôa, e se prolonga, e continúa
Em seu perfume que enche todo o espaço!

Quasi todos os homens (triste sórte!)
São como a onda do mar que só conhece
O sôpro glacial do vento norte,
E o seu bater de encontro ás penedias!
Ignorando seu vôo liberto e claro,
Sua ascenção de nevoa para a luz!

Ai, d'aquelle que vê no corpo fragil
O limite da vida!
O' olhos nús,
Ermos, ceguinhos, tacteando a medo
A' superficie tragica das cousas!
Olhos tristes e amargos que, em segredo,
Choraes a negra noite em que viveis!

Ai, da ave que entende a voz do céo,
E quer voar, e cáe desfallecida,
E quer cantar, e fica muda e triste!

Ai, da ave que sonha, e além da vida
Jámais as suas azas póde erguer!

Ai, da penna levinha fluctuando
A' verde flôr da agoa, sem poder
Sondar-lhe o seio virgem e fecundo!

Ai, dos surdos e funebres ouvidos!
E dos olhos sem lagrimas! Dos braços
Definhados, inertes e cahidos!
Ai, dos labios sem beijos e sem voz!

Ai, do tigre raivoso que, em seu peito,
Sente a féra crueza que o incendeia,
Que o esmaga, tortura e faz rugir!

Ai, do lobo faminto que vagueia
Sobre a neve, comendo terra e pedras;
Sob a cruel e ríspida nortada!
E o gêlo lhe trespassa a magra carne,
Pela fome chupada e estiolada!
A tua vida é pobre luz escura
Que bruxuleia á mingoa de sustento,
Derramando essa treva de amargura,
Em que vives sem culpa e sem peccado!

O' animaes ferozes e ceguinhos,
O' animaes ferozes e nocturnos!
Homens ferozes! êrmos e sombrios,
Corações sem ninguem, antros soturnos!
Onde ha silencio, dôr, melancholia;
Onde ha plantas damninhas...
O' janellas
Fechadas ao luar e á luz do dia!
O' lares apagados, ai de vós!

Sombras

O' ruinas da Grecia, mais do Egypto!
O' lagrimas de marmor celebradas!
Esphinge de olhos postos no Infinito,
Palpebras, para nós, sempre fechadas!

O' ruinas humildes de choupanas,
De arvores, e de ermidas, e de ninhos!
E mais tristes que vós, ruinas humanas,
D'onde fogem, com medo, os passarinhos!

O' Sena, Eurotas, Tibre! Grandes agoas!
Que á voz de Homero, de Hugo e de Virgilio
Juntastes o clamor de vossas magoas...
Pégos de drama e dôr, margens de Idyllio!

O' meu Tamega obscuro, agoa dormente...
O' rio, á noite, a arder todo estrellado!
Agoa meditativa ao luar nascente,
Agoa coberta de azas ao sol nado!

O' pedra das Pyramides, famosa!
Obeliscos, de pé, nos horizontes!
O' pedra, ao vir do sol, harmoniosa,
O' pedrinhas anonymas dos montes!

O' bocca do Vesuvio, êrma cratera,
N'um vomito de morte e destruição!
Montes da minha aldeia, ai, quem me dera
Ser, como vós, de terra e solidão!

O' rochedos do Caucaso onde eu vou,
Em romaria espiritual, rezar!
O' fogo eterno que o Titan roubou,
O' fogo humilde e brando do meu lar!

O' fonte de Castalia tão sequinha;
Já reduzida a terra, cinza e pó!
O' bocca das Cisternas, á tardinha,
Mais o biblico póço de Jacob!

Agoa! sangue dos valles e dos montes!
O' fonte dos Amores sempre aos ais!
Camenas, Siloé, eternas fontes,
Que na Historia e na Lenda murmuraes!

O' minha fonte humilde êrma e sombria,
Que sentiste quebrar-se o fio ethereo
De agoa, que tanto ao mundo te prendia!
E em nevoa te afundaste no Mysterio...

O' fontes a cantar nos versos meus!
Agoa que ninguem bebe! O' agoa obscura
Que, humilde, vae beijar os pés de Deus,
E, humilde, veste as arvores de verdura!

Ah, mata a sêde, mata, aos passarinhos!
A' poeira incandescente e á sêcca fragoa!
E ás ervas, aos mendigos, e aos bichinhos;
E mata a sêde, sim, á propria agoa!

A alma de Anachreonte rumoreja
E brilha: é flôr e aurora n'este Val...
Aza immensa de sombra que avoeja
Sobre este livro pallido, espectral!

O' versos de Camões, Virgilio e Dante!
O' meu canto ignorado, humilde, incerto,
Es a pégada que, na areia ondeante,
Deixa, ao passar, o vento do Deserto!

O' versos pobresinhos e andrajosos
Que, atravez dos farrapos, deixaes vêr
A carne exposta aos ventos invernosos,
Quem tem pena de vós, para vos lêr!

Virginia, Heloisa, Ophelia, Mariana!
Vossas queixas ficaram no ar sombrio.
Vossos ais inda abalam a alma humana,
O' corpos de neblina em fundo rio!

Olha os rios, Ophelia: elles tomaram
O talhe de teu corpo. E a funda magoa,
E as canções que em teus labios se molharam,
São cantos de nevoeiro em labios de agoa!

O' Sapho, abre os teus olhos; anda vêr
A curva que teu corpo descreveu,
N'um desejo de abysmo, de morrer,
Toda gravada a lagrimas no céo!

Olha, Virginia, o mar que se perturba
E ergue em ondas que imitam teu cabello!
Olha o mar, pelo inverno, d'agoa turva!
Olha a neve a caír do Sete Estrello!

Leonor, Francesca, Ignez assassinadas,
(E uma em seu proprio leito, cruelmente!)
Gélidas, brancas sombras golpeadas
Que deitam ainda sangue vivo e quente!

O' amantes eternas! Nevoeiros
De lagrimas que o sol nunca desfez!
Fumos de neve! O' sombras de salgueiros,
O' lyrios de penumbra e pallidez!

Ao luar alto da Lenda, ó mortas flôres,
Pela noite da Historia, vaguiae!
Essa aridez de terra enchei de flôres,
Essa terra sangrenta perfumae!

Triste Menina e Moça que eu amei
E que hoje és flôr e aroma que se exhala,
Ainda adoro, sim, como adorei,
A tua sombra que me beija e fala!

Quanto mais para mim são os teus braços,
Longinquos e moldados em perfume,
Com mais violencia eu sinto os teus abraços,
E os teus beijos de nevoa são de lume!

O corpo é que é penumbra e fumo vago;
E a sombra é carne e sangue e amor fecundo!
Ai, os beijos das sombras! O' afago,
O' caricia que vens de além do mundo!

Contacto arripiante da Penumbra!
Pêso de nevoeiro suffocando
Meu coração que, extatico, se alumbra,
Junto a um seio de nuvem palpitando!

Labios de bruma que nos beijam! Dedos
De neblina que tocam nossa fronte!
Braços feitos de mortes e segredos,
Cingindo-nos, qual nevoa um êrmo monte!

Gemidos de crepusculo! Anciedades!
Sombras de fumo aéreo e fugitivo!
O' desmaios da noite! O' claridades!
Sombra morta beijando um corpo vivo!

Nupcias da Primavera com o Inverno!
Casamento da Noite com a Luz;
Da Morte com a Vida! O' sempiterno
Casamento de Venus com Jesus!

A sombra da Noite

E sinto que outros sêres,
Além de mim existem...,

(Do *Sempre.*)

De noite, quando tudo é nevoa e fumo:
O corpo humano, a flôr, o tronco d'arvore...
E na mudez lunar, a Voz adquire
Fórma, relevo e pêso como o marmore.

E os murmurios, sussurros e alaridos,
Que andam á triste flôr da Solidão,
Tomam corpo, perfil e gestos claros
Na vaga, immaterial escuridão...

De noite, quando se ouve o germinar
Baixinho das sementes, e o rumor
Longinquo das estrellas e do mar,
E a voz nocturna e pallida das cousas...
Que nas trevas, que á lua reverdecem,
A's vezes, sonham alto... e gesticulam,
Somnambulas e vagas... e adormecem
N'um somno de nevoeiro...

Somno aéreo
Que um halito de vento, por mais leve,
Perturba; um somno brando de ave ou flôr;
Mais um estado de extase e de encanto
E profunda visão interior...

De noite, quando tudo é alma, e o céo
Lembra o corpo de Christo ensanguentado...
E os montes são Calvarios, onde as arvores
Com seu longo cabello desgrenhado,
De joelhos na terra, olhos no céo
Orvalhados de luz, piedosamente,
Enxugam as estrellas d'onde mana
Sangue de vida e dôr eternamente!

De noite, quando a treva nos deslumbra,
E os nevoeiros do rio se confundem
Com os sonhos que pairam na Penumbra,
Alvejantes e aéreos...
Quantas vezes
Sáio de minha casa, e ando lá fóra
A interrogar as Cousas, e auscultando
As almas dos rochedos e das arvores
Que, ante mim, se alevantam, meditando...

E na mystica e santa Solidão,
N'uma confusa voz crepuscular,
Respondem-me... E bem sinto o coração,
Para eu ouvir melhor, bater baixinho...

Dir-se-ha que vae parar n'um dôce enlevo,
Deixando caír meu corpo na dorida
Alma funda da terra, onde se géram
Nova esperança, amor e nova vida!

Quantas vezes, estou como esquecido
Sobre os montes, na Noite que me envolve
E me trespassa a alma, deslumbrando-a!
E em nevoeiros e fumos a dissolve.
E a Noite, á força de beijar meus olhos,
Mysteriosamente resplandece,
Como se fosse dia!
E vejo então,
Na neblina que os montes entumece,
Desenhar-se, ante mim, um novo mundo;
Estranho mundo povoado apenas
De ethereas Creaturas que me falam
E me contemplam tristes e serenas...

Vê-se que são eternas; e seus corpos
Principiam na Essencia transcendente
Em que os nossos terminam...
E este mundo
Terreno e material, sombriamente,
No Incolor, no Invisivel se afundou...

E as arvores oscillaram e ondearam...
E, quaes columnas tremulas de nevoa,
Sumiram-se no ar, e se apagaram...

E as montanhas soturnas do horizonte,
E os fundos valles e os rochedos nús;
E fontes e ribeiros e oceanos,
Tudo se diluiu na eterna Luz!

Quem sois vós, quem sois vós, ó Creaturas
Que em meus olhos de cinza e de poeira,
Viveis e palpitaes... e nem sequer
Fazeis, andando, a sombra mais ligeira?

Quem sois vós, quem sois vós, estranhos Sêres,
Que das Trevas surgís, perante mim?
Quem sois vós, quem sois vós? Vinde contar-me
Vossa origem ignota e vosso fim!

Este mundo é silencio? E alta harmonia
Vosso mundo? Dizei-me o Verbo eterno,
A palavra divina que allumia
A sombra das Origens?
Sim; falae,
Creaturas dos homens creadores!
O' eleitas da Luz e da Belleza,
Que além de nós, viveis, em vossa clara,
Espiritual e eterna natureza!

E disseram-me então:
Abre os teus olhos:

Que vês, poeta mortal? A noite negra
Que teu corpo penetra, e dentro d'elle,
Se transforma em luz limpida, e se alegra.

E cada sombra, poeta, que te mostra
A face triste, amarga e tenebrosa,
Tem outra face que teus olhos intimos
Podem vêr; e essa face é luminosa.

E este Azul, d'onde o sol bemdito nasce,
Por mais lucido e puro, é a parte escura
Do Universo... e nós sômos a outra face
Feita de eterna luz; nós sômos luz.
Vês esta fronte? é luz. Vês este corpo?
E' luz. Vês este mundo em que habitamos?
E' luz. Vês estas arvores? são luz.
E é luz tambem este ar que respiramos.

Tudo é Beatitude, Amor, Candura,
Deslumbramento de extase infinito!

Sômos a face eterna da Creatura,
De que tu és, poeta, a face triste,
Nocturna e dolorosa...

Mas bemdita
Seja a profunda noite de que és feito;
Pois essa noite que soluça e grita,
E' a dolorosa Mãe do nosso Dia!

E bemdito o teu corpo miseravel,
Pois d'essa carne afflicta e tenebrosa,
D'essa escrava materia ponderavel,
Nasce a Essencia divina que nos fórma!

Bemditas tuas lagrimas de dôr!
Pois d'essa agoa tragica deriva
A Graça etherea, a Gloria, o eterno Amor,
A Alegria infinita em que vivemos!

E essas altas e eleitas Creaturas,
Todas, deante de mim, ajoelharam...
Vi mãos de luz erguidas para a Sombra,
E corpos que, ante a Noite, se prostraram.

Vi olhos nos meus olhos, como irmãos:
Labios de aurora abertos n'um sorriso,
E collados n'um beijo, em minhas mãos
Inundadas de trevas e de lagrimas...

Mas a Visão desfez-se...
E novamente,
Perturbado e confuso, eu avistei
A noite d'este mundo; e, sem saber
Porquê, ao pé d'uma arvore ajoelhei...
E a arvore estava em flôr; e um golpe forte
De vento, fez vergar seus verdes ramos

Que beijaram a terra... E o vento norte
Os tomou em seus braços, levantando-os...
E a terra abriu os labios... e tambem,
De commovida, terna e fervorosa,
Beijou a Noite immensa, a Noite Mãe
Que a trouxera no ventre, e deu á luz...

Canção da Nevoa

Choram pelos meus olhos o Luar,
Os Rios e as Montanhas...

(Do *Sempre.*)

Tristezas leva-as o Vento;
Vão no vento; andam no ar...
Anda a espuma á tôna de agoa,
E á flôr da noite o luar...

Vindes d'um peito que soffre?
De uma folha a estiolar?
D'onde vindes, d'onde vindes,
Tristezas que andaes no ar?

Effluvios, emanações,
Saídas da terra e do mar,
Sois nevoeiros de lagrimas
Que o vento leva no ar...

Suspiros brandos e leves
De avesinhas a expirar;
Ermas sombras de canções
Que ficaram por cantar!

Brancas tristezas que sobem
Das fontes que vão seccar!
Azas de nevoa onde vôam
Nossos olhos a chorar...

Saudades, melancholias
Que o Poeta vae aspirar...
Melancholias, tristezas
Que o mundo exhala no ar!

E o Poeta salitario,
Fica a scismar, a scismar...
Todo embebido em tristezas
Que o vento leva no ar...

Trespassam-lhe o coração;
Enchem-n'o de alma e luar;
Almas das cousas subindo,
Fumo invisivel, no ar...

E o Poeta se transfigura,
E é a Voz do mundo a falar!
E aquella voz tambem vae
No vento que anda no ar...

A sombra de Deus

E' uma sombra de luz
Nas almas projectada,
Que torna cada cousa
Espiritual, sagrada.

(Do *Sempre.*)

Aos meus olhos desceu aquella Noite
Originaria; a Noite primitiva
Que era o Mundo em espirito sómente,
Verbo por encarnar em fórma viva,
Em côr alegre e carne palpitante...
Sonho, Amor, Esperança, Ether divino,
Vaga Penumbra escura e fecundante,
Que no abysmo do Espaço vagueava,
Como invisivel fumo...
A Noite negra
Antes de ser estrella e coração
E a lagrima primeira...

Aquella Noite
Anterior á Vida e á Creação;

A' Saudade, á Tristeza, á Dôr, e áquellas
Primitivas manhãs... Manto de sombra
Que em suas dobras escondia estrellas!

Noite maravilhosa que em seu ventre
Dilatado, sentia germinar
Um brazeiro de sóes, d'onde saíam,
Como faúlas mortas a voar,
Grandes lagrimas de agoa e pedra e terra!

A Noite anterior, primeiro estado
Fluidico, invisivel da Materia;
Um sentimento apenas; desmaiado
Sópro de sombra, errante, no Infinito...

A Noite originaria que continha,
Sob a fórma de nevoa, a Natureza;
Sob a fórma de espetros, os planetas,
A terra e a Dôr, as agoas e a Tristeza!

Aquella Noite universal de outr'ora,
D'onde tudo descende, e que inda hoje,
Em nosso corpo vivo, grita e chora,
E em nosso coração é sombra pallida!

O' residuos da Origem, do Principio!
Lôdo que a fonte virgem da Existencia
Depositou em nós; e se integrou

Essa nossa carne e sangue, e propria essencia!
Sons mortos, indecisos que ficaram
Sem sentido, nos labios da Natura;
Cinzas que o Verbo eterno e creador,
Para sempre, deixou na Creatura!

O' Noite que ainda és, em nossas lagrimas,
Pêso de agoa e de dôr que as faz tombar!
E na luz d'um sorriso és treva densa
Que o combates, e tentas suffocar!

A Noite Primitiva que, em minha alma,
E' dôr, imperfeição e confusão;
E nas cousas é gélida dureza,
Silencio, morte, inercia e solidão!

Noite ancestral que vela tristemente
A limpidez do nosso olhar; e ensombra
A estrella da manhã; e em toda a luz
Põe nodoas de desanimo e de sombra!

Noite que a propria aurora empallidece...
E immobilisa as rochas; e, n'um sópro
De morte, os nossos olhos anoitece!
E brame no leão, ruge no tigre!
E foi suor e lagrimas n'um Horto!

Hesitação humana e miseravel!
Mão que tentou o Calix afastar,
E a frieza ante a Mãe Inconsolavel!

O' Noite universal, Noite de horror;
Mas Noite creadora, e Noite Mãe!
Sinto-te bem em mim, na minha dôr,
E nos meus versos, ai! cheios de sombra!

E vejo-te nos olhos da Mulher;
No perfume do lyrio nevoento
Que se eleva no Azul, errante e esparso,
Como um seu ideal desdobramento!
Pois todo o corpo se dilata e perde
Em nuvem, em phantasma, em sonho ethereo...
Brandas palpitações, soluços vagos,
Azas espirituaes, vôos de mysterio!
Bruma de tristes lagrimas, que o sol
Põe deante dos olhos abrazados,
Para entrever a sua escura origem
De crepusculo e sombra...
O' desmaiados
Sonhos dispersos, vibrações animicas;
Ondulações de nevoa e de penumbra;
Rumores de luar, confusas vozes,
Remota claridade que se alumbra...
Êrmas visões, phantasmas solitarios;
Espectros de arvoredos e de estrellas,
De horizontes, e mares, e Calvarios,
De pedras mortas, e creaturas mortas!

O' fumos espectraes que a Natureza,
Como um incendio, exhala no Infinito,
Trespassaes o meu corpo de tristeza,
De perturbante enigma, e de mysterio!

E sinto-me afogar n'um mar de nevoa...
E fico assim, a olhar... a olhar, no Além...
Atravez d'este sol que nos dá luz,
A Penumbra ancestral, a Noite mãe!

Aos meus olhos baixou a Noite antiga;
Nos sêres e nas cousas se infiltrou,
Diluindo a Côr, desmoronando as Fórmas;
E tudo em si fundiu, tudo apagou...
Assim no outomno pallido e cinzento,
Alta maré que cresce sobre a praia,
Apaga as ondas rythmicas que o vento
Molda na areia humilde como as lagrimas...

E o mundo tôsco e bruto se traduz
Em crepusculo, em nevoa, aéreo fumo...
E o Tempo é noite; o Espaço é noite; a Luz
E' noite; o Som é noite...
O' sombra immensa
Feita de soes, de mundos, de alvoradas!
De avesinhas cantando, agoa dos mares!
De rosas de perfumes embriagadas,
E fontes, ao luar, cheias de Graça!

Mas cada fórma tremula e illusoria,
Que se apaga, converte-se em espirito:
Luz eterna succede á luz corpórea,
Tal como á noite humana a luz de Deus!

E essa Noite infinita e monstruosa,
(Noite que a claridade nos revela)
Onde todos os corpos se apagaram,
De espiritos eternos se constella...

O' Noite creadora, O' Noite santa!
O' mãe de Satanaz e de Jesus!
Que um sôpro, um beijo, um halo de ternura,
Voz de espirito e amor chamou á Luz!

Silencio feito Voz!
O alvôr do dia
E' funda escuridão que se commove!
A luz, a luz, é o extase, a alegria,
Um encanto da noite!
A propria flôr
E' terra que uma lagrima beijou!
E' pedra que, ao sentir a luz da Graça,
Se enterneceu, e extatica ficou,
Com os olhos na luz que vem de Deus!

E uma nuvem, que é? Onda do mar
Que o sol, doido de luz, contra seu peito
Abraçou, e beijou... E ei-la a voar
N'um desgosto de lagrimas e bruma...

E em suas ascenções esplendorosas,
Nosso espirito é a nossa propria carne
Que vibra, e sobe, em ondas mysteriosas
De mystica harmonia e sonho eterno!

Os corpos irradiam sentimento,
Como as estrellas luz; como a açucena
Seu virginal perfume nevoento,
Que é um halito de Santa ou Primavera!

O sentimento é corpo como a pedra;
Creatura que sonha e que deseja!
E' côr divina que o Poeta vê,
E fórma viva que elle toca e beija!

O que é perto de nós, o que se apalpa
E parece real e verdadeiro,
Eis o que é sonho vão e imaginario,
Chimerico e phantastico nevoeiro...
Eis o que é illusão e o que é mentira;
Nevoa, fumo irreal do anoitecer...
Phantasma que os Sentidos, como cégos,
Tacteando na sombra, julgam vêr!

O' Noite anterior a toda a luz!
Manto de escuridão a desdobrar-se
Em estrellas, em mundos e Universos;
Em nevoeiros de vidas a espalhar-se...

És a sombra genesica e fecunda
Que Deus faz no Infinito.
O' sol ardente,
Monstro de luz, abysmo de alvoradas!
Gloria do Dia e quéda do Poente!
Syrius, Neptuno e Marte e Nubelosas,
Roma, Jerusalem! Platão e Nero!
Abril, perfumes, lyrios, claras fontes,
E cantos de pastor, versos de Homero!
O' sermão da Montanha! Êrmos Prophetas,
Pythonisa, em delirio, a adivinhar!
Sybilas, Adivinhos, Fausto e Goethe,
Pincaros do Hymalaia, ondas do mar!
Verdes campos, estereis areaes,
Pyramides e Templos, êrmas praias;
Gritos de Prometheu, saudosos ais
Da Virgem Dolorosa! Alto Calvario,
O' Parnaso entre nevoas aureolado!
—Não sois mais do que um fumo transitorio,
Invisivel crepusculo tombado
Da sombra eterna e universal de Deus!

A Creação é sombra, é nevoeiro
Que dimana de Deus, e enche o Infinito...
E onde elle está presente e verdadeiro,
Tal como nosso corpo em nossa sombra.

Deus soffre no Universo; e n'elle está
Pregado e ensanguentado; e os astros são

Os cravos que o sustentam sobre a Cruz,
E seu Corpo divino é escuridão!
E seu Sangue divino é luz de estrella
Que de suas feridas, sempre abertas,
Escorre, e se derrama, e se congela
Em arvoredo, em ave e lyrio triste!

E Deus suspira e chora, ao contemplar
A sombra mortuaria que projecta,
E onde elle é pedra bruta, onda do mar,
Cratéra e tigre, e pomba e precipicio!

Sombra que o trouxe ao peito com amor,
E em seu ventre gerou.

Toda a creatura
Procede d'uma sombra anterior,
E todo o corpo é a encarnação d'um Verbo!
Quantas vezes, nas horas emotivas,
Nós vemos vaguear fumos errantes,
Neblinas, penumbras e crepusculos;
Verbos por encarnar, sombras distantes,
Em busca de expressão e clara fórma,
Procurando anciosas, a tremer,
Um corpo que as projecte no Infinito,
E onde possam chorar, cantar, viver!
O' Phantasmas, ó Sombras indecisas,
O' corpos nebulosos, desejando
Achar as fórmas nitidas, precisas
Que encontraram as pedras e os metaes!

E assim o mundo, ó Deus, é tua sombra!

Tudo o que vive, tudo quanto existe
E' a tua estranha dôr e imperfeição:
Tua parte mortal, nocturna e triste,
E fragil, dolorosa e transitoria!
E onde estás mais presente e verdadeiro,
E mais vivo, talvez, que em tua gloria,
Em teu deslumbramento e alvôr divino!

A sombra do Homem

Quando n'um somno aéreo tudo dorme,
E a treva lembra luz adormecida;
E o silencio chimerico e disforme,
E' só uma canção interrompida;

Quando um pinheiro, além, na indecisão
Da noite que o perturba e lhe faz mal,
Se vê perdido em vaga confusão,
Tornar-se um êrmo e vago pinheiral;

Quando na sombra espessa, ó minha fonte,
Deslisa, como agoa, a tua voz,
De som molhando o rosto do horizonte
Que scisma e chora, ás vezes, como nós...

Quando em paz tudo dorme, eu sonho e scismo.
Remorso? Exaltação? Delirio a arder?
E ouço vozes que veem d'um fundo abysmo
Que eu vejo aberto no meu proprio ser!

E ouço vozes e passos... Quem me fala?
És tu, ó chuva? ó vento? ou serei eu?
Ah, como distinguir a minha fala,
Das vozes que andam, tristes, pelo céo!

Já de tanto sentir a Natureza,
De tanto a amar, com ella me confundo!
E agora, quem sou eu? N'esta incerteza,
Chamo por mim. Quem me responde? O mundo.

Chamo por mim; e a estrella me responde.
Chamo de novo; e diz-me o mar: quem chama?
E diz-me a flôr: onde é que estás? aonde?
Vêde a sorte terrivel de quem ama!

Quem é sómente amor desapparece;
Para ser tudo, deixa de existir.
Por isso, emquanto o Amor nos entristece,
Tudo, em volta de nós, está a sorrir...

Qual é a tua alegria, ó Creação?
A dôr da Creatura. E sendo assim,
A alegria do nosso coração
E' a dôr universal, a dôr sem fim!

Viver, é receber a vida alheia;
Morrer, é dar a nossa propria vida:
E para que dê luz minha candeia,
Quanta gotta de azeite consumida!

E Deus se exalta, e vivifica em nós;
E na Creatura existe o Creador.
O silencio divino é a minha voz,
E a alegria divina é a minha dôr!

Como a limpida luz que anda nos céos
Define o nosso olhar, mas dilatando-o;
Cada nova Creatura amplía Deus,
E Deus define o Homem, sublimando-o!

O' Deus, tu és em mim fragilidade;
Sombra que, por encanto, surge e passa...
E em ti, sou Infinito, Eternidade,
Extase, Beatitude, Enlevo e Graça!

A voz soffre n'uns labios prisioneira;
E os labios vêm-se livres na alvorada
Da voz humana! E a Natureza inteira
Em Deus se alegra, e exalta sublimada!

Orar, é a gente vêr a Deus em si,
E vêr-se a gente em Deus. N'essa visão,
Creaturas, os olhos consumí;
A esse fogo deitae o coração!

Pois cada cousa humilde ou creatura,
E' a lenha que conserva sempre accêsa
A fogueira de Deus, na noite escura,
E gélida, e sem fim da Natureza!

A ultima sombra

Esta sombra infinita em que me afundo,
E a que tentei dar fórma, vida e côr,
E' o principio da terra e o fim do mundo;
A projecção espiritual das coisas...

Sombra do nosso corpo e nosso espirito!
Sombra que se arraiza nas Origens,
E vae subindo em haste; e já floresce
Em altos céos animicos e virgens...

Sombra que se projecta no Passado;
E é gelida penumbra! E ao mesmo tempo,
Alonga-se em espirito sagrado,
Em consciencia limpida e amorosa.

O' sombra de dois corpos! Um é noite,
Ou antes luz esparsa e diluida...
O outro é noite dispersa, ou clara luz
Concentrada e abrazada em dôr e vida.

O' grande flôr de treva, recortada
Em petalas de luz! Assim a Noite
E' um calice que se abre em luz doirada,
Em perfume bemdito que allumia...

Um dia, a sombra lugubre da Terra
(Flôr que Deus semeou) ha de murchar,
E ser fructo que a fome de Infinito,
Negra fome de Deus ha de matar!

Antes da massa cósmica attingir
A sua ultima phase espiritual,
Deus era Verbo apenas; sombra escura,
Êrma, inerte penumbra universal...

Mas, quando em nós, a terra solitaria
Emfim, se fez espirito divino,
— Deus, essa antiga Sombra originaria,
Encarnou, tomou fórma e corpo e vida.

Sim: o Verbo de Deus é que é Materia;
E a encarnação de Deus é que é Espirito!
E nosso Amor e Dôr, nossa Miseria,
Creadores de Deus, n'elle se fundem.

E quando a terra, emfim, já redimida,
Depois de tanta dôr e soffrimento,

Inclinar sua fonte adormecida,
E o espirito render nas mãos do Pae,
— Tambem o Sêr humano, já liberto
Da morte, da miseria e negra dôr,
Ha de viver em Beatitude e Graça,
Em Espirito eterno e eterno Amor!

Meu santo Reino Espiritual, eu vejo-te,
Como atravez d'um sonho, quando a Luz
De profunda Visão, aquece e doira
Meu corpo, arvore verde e negra cruz!
Vejo-te intimamente, como as arvores
Avistam em sua alma os passarinhos...
E assim os olhos gélidos dos marmores
Têm a visão confusa das florestas...
E como a terra vê, quando tocada
Pela graça da nevoa que se eleva,
O grão que sobe, em haste, para o Sol,
E desce, em raiz faminta, para a Treva!

O' sagrado momento religioso,
Em que a Materia escrava e miseravel,
Voando em claro espirito amoroso,
Se vê liberta e viva e sempiterna!

O' momento em que a carne soffredora,
Barro feito de dôres e amarguras,
Em piedade, ternura e pensamento,
Ergue seu vôo a mysticas alturas!

E sublimada em alma, para sempre,
(Sonho de eternidade imperturbavel)
Ha de viver na santa paz divina,
N'um santo e dôce enlevo interminavel..

O' instante sagrado em que perpassa,
Lá na distancia espiritual dos céos
E mais do nosso olhar, só uma sombra,
Apenas um crepusculo de Deus!
Sombra que me beijou! Beijo de amor!
Beijo de terra e céo! O' beijo cósmico!
Perturbação genesica! Rumor
De óvo que parte, e se abre em aza etherea!

Rumor de nevoeiro, condensando-se
Em orvalho que as arvores constella...
Rumor de nebulosa, esparsa e vaga,
Que se concentra e abraza em clara estrella!

Rumor das cégas, intimas sementes
Que se fincam nos caules, levantando-se...
E em seus braços, os ventos conscientes
Moldam gestos de benção sobre a Terra...

Rumor do Verbo afflicto e angustioso,
Que começa a sentir-se Pêso e Fórma,
E sangue vivo e corpo doloroso,
Agrilhoado á Dór que ha de remí-lo!

Fundo rumor de nuvem trovejante
Que, á tarde, se abre, e deita sobre o mundo,
Grande torrente de oiro deslumbrante:
Gloria de Deus surgindo no Crepusculo!

Rumor do alvorescer de intima estrella!
Rumor do sol genesico de Abril;
Rumor da luz dos olhos da donzella,
E do entreabrir dos gômos e das flôres...
E do gretar da terra trespassada
Pelas hastes que sobem anciosas,
Sedentas de ar, famintas de alvorada,
Na antevisão da Flôr e do Perfume!

Alto rumor astral do azul dos céos
Que sustenta pendentes dos seus úberes
Os soes!
Rumor da sombra ideal de Deus;
Perturbação divina!
Alto rumor
Que me beijaste em pleno coração,
Que, em pobre verso humilde e commovido,
Em troca, te quiz dar sua emoção,
A sua propria vida e proprio corpo...

INDICE

De *As minhas sombras* 5
A uma arvore e a minha irmã 7
Vento do Espirito 13
A sombra do Passado 17
A sombra do Tamega 49
A quéda 53
A sombra do Vento 55
Canção d'uma Sombra 65
A minha sombra 67
A sombra da Vida 73
Meu coração é tudo 83
A sombra do Luar 87
Os meus olhos e uma pedra 103
Uma arvore e o sol 104
Uma gotta de chuva 105
Os olhos dos animaes 106
Uma ave e o poeta 107
Boudha 111
Marco Aurelio 112
Frei João Bernardes 113
S. Francisco de Assis 114
De noite 115

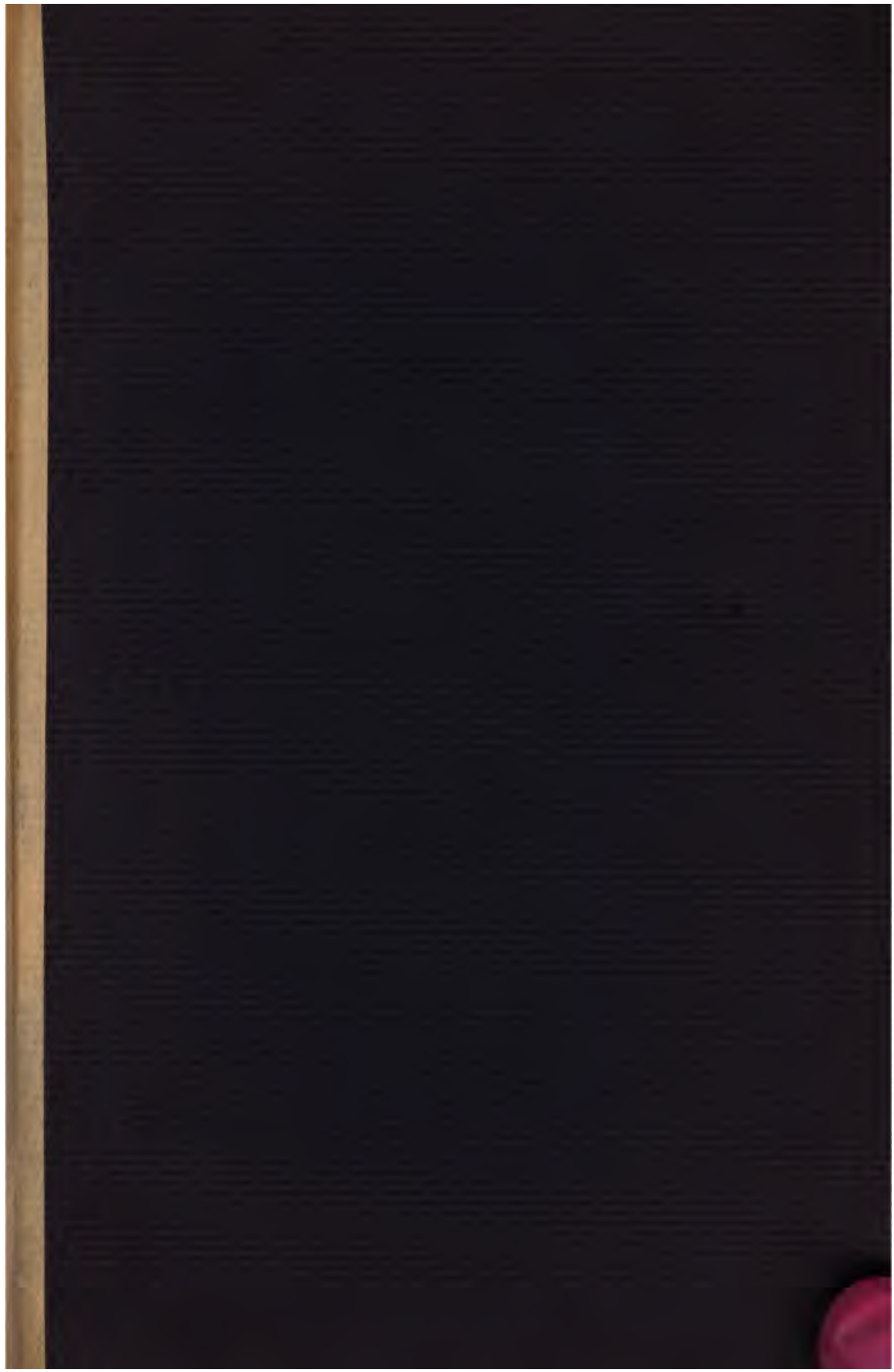
De manhã 117
Orféo 119
A sombra de Jesus 121
A sombra de Pan 122
A sombra da Dôr 126
Apparição 141
A sombra do Amôr 147
A sombra do que fui 157
Além Mundo 163
Sombras 173
A sombra da Noite 179
Canção da Nevoa 187
A sombra de Deus 189
A sombra do homem 199
A ultima sombra 203

Obras do auctor

Sempre — 1897 — 1 vol.
Terra Prohibida — 1899 — 1 vol.
Sempre (2.ª edição) — 1902 — 1 vol.
Jesus e Pan — 1903 — 1 vol.
Para a Luz — 1904 — 1 vol.
Vida Etherea — 1906 — 1 vol.

EM PREPARAÇÃO

Venus e Maria (Orações).



THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

Form 410